

Ramon Llull (1232-1316)

O Livro dos Anjos

(1274?-1283?)

Tradução:

Eliane Ventrone e

Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES)

Revisão:

Esteve Jaudent

(Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio)

Apoio:

Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo
Lúlio

Governo Autônomo da Catalunha

(Generalitat de Catalunya)

Sumário

Do Prólogo	4
Começa a Primeira Parte , onde se prova a existência dos anjos.....	7
I. DA BONDADE	7
II. DA GRANDEZA	8
III. DO PODER	8
IV. DA SABEDORIA	9
V. DO AMOR	10
VI. DA JUSTIÇA	11
VII. DA PERFEIÇÃO	11
VIII. DA BONDADE	12
Da Segunda Parte	13
I. DA ESSÊNCIA	13
1. Da inteligência	13
2. Da vontade	14
3. Da conveniência	16
II. DO ENTE ANGELICAL	17
1. Do nome	17
2. Da forma	19
3. Da matéria	20
III. DA SUBSTÂNCIA	21
1. Da virtude	22
2. Das potências	23
3. Dos atos	23
IV. DAS PROPRIEDADE DOS ANJOS	24
1. Da bondade	25
2. Da grandeza	25
3. Do poder	26
4. Da sabedoria	26
5. Do amor	27
6. Da justiça	27
7. Da perfeição	28

V. DAS CONDIÇÕES DOS ANJOS	28
1. Da imortalidade	28
2. Do lugar	29
3. Dos tempos	30
4. Do movimento	30
Da Terceira Parte , da fruição que os anjos têm em Nosso Senhor Deus ...	32
I. DA BONDADE	32
II. DA GRANDEZA	33
III. DO PODER	34
IV. DA SABEDORIA	35
V. DO AMOR	36
VI. DA JUSTIÇA	37
VII. DA PERFEIÇÃO	38
Da Quarta Parte , da locução dos anjos	39
I. DA LOCUÇÃO QUE OS ANJOS TÊM EM SI MESMO	39
II. DA LOCUÇÃO QUE OS ANJOS TÊM COM OS OUTROS	40
1. Das palavras que os anjos benignos têm com os outros	40
2. Das palavras que os anjos benignos têm com os malignos	41
3. Das palavras que os demônios têm com os outros	41
III. DAS PALAVRAS QUE OS ANJOS TÊM COM OS HOMENS	42
1. Das palavras que os anjos têm com os homens justos	42
2. Das palavras que os anjos têm com os homens injustos	44
3. Das palavras que os demônios têm com os homens justos	44
4. Das palavras que os demônios têm com os homens injustos	45
Da Quinta Parte , que é da glória dos anjos.....	47
I. DA GLÓRIA QUE OS ANJOS CONHECEM E AMAM EM DEUS	47
II. DA GLÓRIA QUE OS ANJOS TÊM EM SI MESMOS	48
Da Sexta Parte que é da pena dos demônios	51
I. DA PENA QUE OS DEMÔNIOS TÊM PELA PRIMEIRA INTENÇÃO	51
II. DA PENA QUE OS DEMÔNIOS TÊM EM SUSTENTAR PELA SEGUNDA INTENÇÃO	52

O Livro dos Anjos¹

Ramon Llull

A Deus, que é Ato² puro muito alto e excelente, inteligível e amável sobre todos os atos: eu, um pobre homem pecador, com Vossa graça e ajuda, fiz este *Livro dos Anjos* de tal modo que Vos possa Amar e Conhecer através dos Atos de Vossas Divinas Dignidades³.

Do Prólogo

1.

Como os anjos são criaturas muito nobres e são, para a nossa utilidade, participantes conosco em dedicar-se a Amar e a Conhecer Nosso Senhor Deus, é muito conveniente que nos esforcemos com o nosso poder em amar, conhecer, obedecer e honrar os anjos benignos⁴. Por esse motivo, compomos este pequeno livro, o qual dividimos em seis partes:

¹ A presente tradução baseou-se na edição *Obres Originals de Ramon Llull* (ed. S. Galmés e outros). Palma de Mallorca: vol. XXI, 1950, p. 305-375, que, por sua vez, utilizou duas fontes: C (manuscrito catalão do século XV da Biblioteca Real de Munique, base da edição) e L (manuscrito latino do século XV da Biblioteca Provincial de Palma de Maiorca).

² Na filosofia luliana, o sentido da palavra *Ato* tem o mesmo significado utilizado por Aristóteles na *Metafísica*, que é o da realidade que se realizou ou se vai realizando, do ser que alcançou ou está alcançando a sua forma plena e final. Deus é *Ato puro*, sem mescla de potencialidade, tanto em Aristóteles como em Llull (ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 90-91) — VENTORIM, Eliane.

³ As *Dignidades Divinas* são denominadas pelos escolásticos de *Atributos de Deus*. Tomás de Aquino as conceitua de *nomes de Deus* (*S. Th.*, I, q. 33) Ver ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 94 — VENTORIM, Eliane.

⁴ O *Princípio de Conveniência* impregna toda a obra luliana. Segundo esse princípio, algo tem de ocorrer, ou ser aquilo que é conveniente; e o que é inconveniente não pode ser. Obviamente, a aplicação deste princípio supõe o conhecimento do que é ou não é conveniente, e por este motivo Llull mostrará, oportunamente em cada caso, a conveniência ou não-conveniência entre duas realidades a partir dos princípios constitutivos do ser de cada uma delas. Para tanto, bastará comparar as duas realidades entre si. Tenha-se em conta, porém, que na metafísica luliana as realidades são atos, portanto, comparar realidades é comparar atos, isto é, ver até que ponto são congruentes. Por outro lado, a metafísica luliana é uma metafísica do Bem; isto quer dizer que toda realidade apresenta-se na natureza como um bem (*ens bonum*) e portanto é amável. Em consequência, a carência de ser será odiável. Quando a realidade se manifesta na mente (*ens verum*) também deve ser algo amável, e por isso a verdade será naturalmente amável. Com esses pressupostos pode-se descobrir facilmente que o que é conveniente é sempre amável e o que não é conveniente é odiável. Como exemplo perguntamos: o que é mais conveniente, um grande bem que dure eternamente ou um grande mal que dure eternamente? Llull responderia assim: diz-se que algo dura quando tem de ser, e sendo o mal privação de ser, duração e mal serão contrários. Daí, a grandeza combinar mais com um bem que dura do que com um mal que dura. Portanto, teremos de concluir que é mais conveniente um bem que dure eternamente do que um mal que dure eternamente. Para o tema do princípio da conveniência em Llull, ver CANALS VIDAL, Francesc. “El principio de conveniencia en el núcleo de la metafísica de Ramon Llull”. In: *Actas del II Congreso Internacional de Lulismo*. Palma de Mallorca, 1979, p. 199-207. Para o tema da perspectiva luliana

A Primeira Parte é para provar a existência dos anjos.
A Segunda Parte é para mostrar a disposição⁵ dos anjos.
A Terceira Parte é sobre a fruição que os anjos fazem em Deus.
A Quarta Parte é da locução que os anjos têm entre si e conosco.
A Quinta Parte é da glória que os anjos benignos têm.
A Sexta Parte é da pena que os anjos malignos têm, os quais chamamos demônios.

2.

A Primeira Parte é dividida em sete, isto é, nas sete Dignidades de Deus, pelas quais tentamos provar a existência dos anjos. São elas: Bondade, Grandeza, Poder, Sabedoria, Amor, Justiça e Perfeição.

A condição da existência da Primeira Parte é para que as sete Dignidades ordenem e sejam os princípios⁶ de todo o *Livro* e sejam as razões pelas quais os sete Princípios sejam formados e ordenados, isto é, que as sete Dignidades afirmem todas as razões pelas quais os Princípios melhor se convêm uns com os outros.

3.

A Segunda Parte é dividida em cinco, que são: a essência, o ente, a substância, as propriedades e as condições.

A condição da existência desta Segunda Parte é para que as Divinas Dignidades sejam ordenadas, e que de grau em grau suas partes sejam ordenadas umas com as outras.

4.

A Terceira Parte é dividida em três: como os anjos fruem Deus pelo ato da inteligência, como fruem Deus pelo ato da vontade e como fruem Deus pelo ato da memória⁷.

do ato, ver JAULENT, Esteve. “La nova perspectiva de l'acte a l'Ars lul.liana”. In: *MIRANDUM*. São Paulo: USP-Mandruvá, V, 1999, n.º 7, p. 21-34 — JAULENT, Esteve.

⁵ *Disposição* é um termo aristotélico que significa a maneira como as partes estão distribuídas em um todo, devido à ordem do todo (*Met.*, V, 19, 1002 b 1), o mesmo sentido utilizado aqui por Llull — VENTORIM, Eliane.

⁶ O *Princípio* é o ponto de partida e fundamento de um processo qualquer.

⁷ *Memória* é a possibilidade de dispor de conhecimentos passados; a conservação ou persistência de conhecimentos passados é chamada de *retentiva*, ou a possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e torná-lo atual ou presente: é o ato de recordação. Para Platão, estes momentos são chamados respectivamente de “conservação de sensações” e “reminiscência” (*Fil.*, 34 a-c), termos utilizados também por Aristóteles. Por sua vez, Plotino nega a base física da *Memória* e considera o corpo um obstáculo para a transcendência (*Enn.*, IV, 3, 26), e afirma a proporção entre *Memória* e *Força* (ou persistência de conservação): “Se a imagem persiste na ausência do objeto, já há *Memória*., mesmo que persista por pouco; se persiste por pouco, a *Memória* é curta; se dura mais, a

A condição da existência desta Terceira Parte é para que a fruição das sete Dignidades Divinas esteja nas sete propriedades dos anjos, as quais são descendentes da influência das Divinas Dignidades. Estas propriedades são criadas e chamadas com um nome semelhante às Dignidades, porque cada Dignidade incute uma propriedade nos anjos benignos à sua semelhança, assim como a Bondade incridada⁸ incute a bondade criada nos anjos, e a Grandeza incridada incute na grandeza criada, etc.

5.

A Quarta Parte é dividida em três: como cada anjo fala consigo mesmo, como os anjos falam uns com os outros e como eles falam com os homens.

A condição da existência desta Quarta Parte é para que a locução dos anjos siga a regra das sete Dignidades em suas sete propriedades, e que seja pelos atos da inteligência, vontade e conveniência.

6.

A Quinta Parte é dividida em seis: como os anjos possuem Glória em Deus, como possuem glória em si mesmos, como uns têm glória nos outros, como os anjos benignos têm glória da pena dos demônios, como possuem glória da glória dos homens justos e como têm glória dos homens pecadores, que são danados.

A condição da existência desta Quinta Parte é para que a glória dos anjos esteja nas sete Dignidades de Deus, e os atos da inteligência, da vontade e da memória estejam na entidade nascente, e que através daqueles atos exista mérito nas propriedades dos anjos, segundo o que se convém.

7.

A Sexta Parte é dividida em seis, conforme o sentido contrário da glória que os anjos benignos possuem, segundo as seis partes ditas acima.

A condição da existência desta Sexta Parte é para que os demônios tenham pena no sentido contrário da condição dos anjos benignos.

Memória aumenta porque a força da imaginação é maior; e, se dificilmente falha, a Memória é indiscutível” (*Ibid.*, IV, 3, 29). Santo Agostinho, através dos “milagres” da Memória, a conceitua como receptáculo dos conhecimentos ou, o “ventre da alma” (*Conf.*, X, 14), idéia mais tarde adotada pela maior parte dos filósofos medievais. Por fim, Santo Tomás dá-lhe o nome de “tesouro e local de conservação das espécies” (*S. Th.*, I, q. 29, a. 7). Isso recoloca a Memória como capacidade retentiva (ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 657-658) — VENTORIM, Eliane.

⁸ *Incriada* (*Increat*) = que existe sem ter sido criado; que não teve princípio, isto é, Deus. *GGL*, vol. III, 1984, p. 124.

Começa a Primeira Parte, onde se prova a existência⁹ dos anjos

Para provar a existência dos anjos convém que sejam feitas oito provas, isto é, que se prove onde existem a inteligência, a vontade e a memória no ente, e que o ente seja substância abaixo das potências as quais são atos pelos quais estejam as sete propriedades ditas acima. Logo, provada a existência deste ente, tentaremos provar a existência dos anjos, a qual prova atribuímos oito razões, das quais esta é a primeira, e assim as outras sucessivamente.

I. Da Bondade¹⁰

A Bondade existe em Deus com a Grandeza, o Poder, a Sabedoria, o Amor, a Justiça e a Perfeição, sendo a Bondade amável porque a Amabilidade convém em Grandeza, em Poder, etc. com a Bondade. E se a Bondade e a Amabilidade não são convenientes, também não seriam convenientes a maioria de bem na Grandeza e a minoridade de bem seria conveniente contra a Justiça, o Amor, a Grandeza e a Perfeição. E a Amabilidade não seria conveniente com a Justiça, o Amor, a Grandeza e a Perfeição, e isto é inconveniente e contra as condições deste *Livro*.

E porque a Bondade e a Amabilidade são convenientes, e sem a Inteligência não poderiam ser convenientes com a Grandeza, a Sabedoria, o Amor, a Justiça e a Perfeição — segundo as condições e a concordância da Bondade, da Grandeza, da Amabilidade, da Inteligência, etc. — logo é necessário que seja conveniente que Deus tenha criado o ente onde esteja a Inteligência, sendo materializada na bondade, na grandeza, no poder, etc., e estes entes sejam os anjos, os quais indagamos através dos Atos das Divinas Dignidades.

⁹ Em Llull, o sentido do termo *Existência* significa aquilo que na realidade é ou subsiste. Tomás de Aquino também se vale desse conceito para definir a subsistência própria da substância (*subsistentia*), que “existe não em outra coisa, mas em si mesma” (*S. Th.*, I, q. 29, a. 2), ou define “o que é existente por si”, quer dizer, o que é real sem ser qualidade ou acidente de outro real (*Ibid.*, I, q. 75, a. 2) — VENTORIM, Eliane.

¹⁰ *Bondade* é a excelência de um objeto qualquer (coisa ou pessoa). Santo Tomás, diz: “A Bondade que em Deus está de modo simples e uniforme, nas criaturas está de modo múltiplo e dividido” (*S. Th.*, I, q. 47, a. 1) — VENTORIM, Eliane.

II. Da Grandeza¹¹

A Grandeza existe em Deus com a Bondade, o Poder, a Justiça, etc., a qual Grandeza é tão grande na Bondade, no Poder, etc., que convém ser objeto da inteligência criada para que a entenda grandemente na Bondade, no Poder, etc.

E se a Grandeza não fosse conveniente objeto da inteligência, a ignorância conviria com a Grandeza, a Inteligência com a menoridade, sendo a ignorância conveniente com a Bondade, com o Poder, etc., que seriam convenientes com a Grandeza, e a Justiça seria conveniente com a injustiça, e a imperfeição com a Perfeição, e a privação de bem com a Bondade, e isto é inconveniente.

No entanto, demonstramos que é conveniente que a inteligência criada materialize a Grandeza, a qual não poderia ser objeto perfeito sem a vontade, que ama a grande materialização da inteligência, a qual não poderia materializar perfeitamente sem a vontade, que entende e ama a grandeza da bondade, do poder, etc.

III. Do Poder

O Poder de Deus existe segundo Sua própria Grandeza, Bondade, Sabedoria, Amor, Justiça e Perfeição. Por isso, a Grandeza pode criar a inteligência e a vontade, e convém que o Poder tenha criado a grandeza e que seja conveniente com a inteligência e a vontade, de tal maneira, que a conveniência possa elevar o Poder pelo objeto que existe na Bondade, na Grandeza, etc.

Porque, não sendo convenientes, teriam imperfeição ao elevar o Poder Divino a se materializar, o qual seria contrário à Bondade, Grandeza, Sabedoria, etc. se não desse à inteligência e vontade tudo isso que melhor convém aos objetos criados, os quais movem a inteligência, a vontade e a conveniência, saindo a conveniência da inteligência e da vontade, fruindo a inteligência com a vontade, o poder da bondade com a grandeza, etc., sendo conveniente que as sete propriedades criadas na inteligência e na vontade sejam moldadas pelas sete Dignidades incriadas.

E convém que esta conveniência seja igual suposição à inteligência e à vontade para criar o poder, a bondade, etc., de tal forma que o Poder incriado não seja a maior Grandeza incriada da Bondade, da Sabedoria, etc., e entendido pela inteligência e amado pela vontade.

¹¹ *Grandeza*, segundo Aristóteles, é quantidade *mensurável* e divisível em partes contínuas. São grandes o comprimento, a largura e a profundidade. (*Met.*, V, 13, 1020 a 7). ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 491.

IV. Da Sabedoria¹²

A Sabedoria concorda com a Bondade, a Grandeza, o Poder, etc. Logo, se a inteligência, a vontade e a conveniência são propriedades distintas e unidas em um ente sem distinção nem confusão — estando naquele ente cada propriedade em participação e comunicação unidas umas com as outras, recebendo a influência das Dignidades Divinas, estando cada uma das três propriedades em si mesma, naquele ente e nas setes propriedades comuns criadas, formadas à semelhança das sete Dignidades incriadas — segue-se maior concordância que existam e sejam usadas nas criaturas a sabedoria com a bondade, a grandeza, etc.

Porque existindo a inteligência na entidade sem a participação da vontade e da conveniência — num ente que seja entidade distinta pela inteligência, vontade e conveniência, e que estejam ajustadas e que sejam a essência daquele ente, no qual estejam a bondade, a grandeza, etc. — o ente não poderia ser tão grande para entender a Bondade, a Grandeza, o Poder, a Sabedoria, o Amor e a Perfeição de Deus, como entende, e é incorruptível, imortal e existe com a vontade e a conveniência, e o mesmo segue-se com a vontade e a conveniência.

E porque o ente convêm com a Sabedoria de Deus para que melhor seja objeto à inteligência, vontade e conveniência na grandeza de si mesma e da bondade, do poder, etc., isso significa que todas as três potências e propriedades existem nos entes, os quais dizemos que são os anjos, que estão sujeitos a seus princípios, os quais são a inteligência, a vontade e a conveniência, que, por sua vez, estão sujeitos, por efeito¹³, à Bondade, Grandeza de Deus, etc.

¹² *Sabedoria* é o conhecimento superior das coisas excelentes. Para Aristóteles, possui dois significados: 1) o grau mais elevado, sólido e completo de conhecimento e 2) ter como objetivo as coisas mais elevadas e sublimes, isto é, as coisas divinas.

Nas correntes filosóficas ligadas à religião, a sabedoria é considerada intermediária entre Deus e o mundo, algo equivalente ao *logos*. Segundo Plotino, há uma Sabedoria que é substância, e nenhuma outra Sabedoria é melhor que ela: “...cria todos os seres, todos emanam dela; ela mesma é os seres que nascem com ela e com ela se identificam, de tal maneira que Sabedoria e substância são uma única coisa” (*Enn.*, V, 8, 4). A mesma concepção pode ser encontrada na Bíblia, no Livro *Sabedoria*, onde se diz: “A Sabedoria é mais móvel que qualquer movimento / e, por sua pureza, tudo atravessa e penetra. / Ela é um eflúvio puríssima do poder de Deus, / uma emanção puríssima da glória do Onipotente, / pelo que nada de impuro nela se introduz. / Pois ela é um reflexo da luz eterna, / um espelho nítido da atividade de Deus / e uma imagem de sua bondade. / Sendo uma só, tudo pode; / sem nada mudar, tudo renova / e, entrando nas almas boas de cada geração, / prepara os amigos de Deus e os profetas.” — *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000, Sb, 7, 24-27, p. 1213-1214. A filosofia medieval, com Santo Tomás, retoma o conceito aristotélico de *Sabedoria*. A Sabedoria “julga todas as coisas, não só quanto as conclusões, mas também quanto aos primeiros princípios; assim é uma virtude mais perfeita que a ciência” (*S. Th.*, III, q. 57, a. 2, ad. 1^o). Ver ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 861-865.

¹³ Isto é, que são resultado da ação de uma causa.

V. Do Amor¹⁴

O Amor deseja que aqueles entes — os anjos — sejam substâncias sujeitas às três potências, tendo cada potência seu próprio ato, isto é, que o entender seja ato da inteligência, o desejar da vontade, e o convir, o amar e o entender da conveniência. E se o Amor não desejasse isso, existiria contra a Bondade, a Grandeza, etc., que ordenam que a essência dos anjos exista através da inteligência, da vontade e da conveniência, assim como a matéria e a forma ou os quatro elementos que estão na essência dos corpos elementais compostos de matéria e forma e aqueles corpos estão imóveis nos entes. E porque cada elemento retém aí (no Amor) sua virtude e nele está mesclado, aquele ente — os anjos — é convertido em substância, estando os atos abaixo e sujeitos às potências.

Por esse motivo, a virtude¹⁵ dos anjos mescla-se ao corpo e diversifica-se através das potências e dos atos. Logo, como é impossível que o Amor exista contra a Bondade, a Grandeza, etc., na vontade do amor — e no que convém ordenar segundo a grandeza da bondade, do poder, etc. — manifesta-se a substância dos anjos, na qual mescla a virtude de sua essência. E porque é substância abaixo das potências, a diversidade da inteligência, da vontade e da conveniência conserva-se nas potências e nos atos, sem os quais a distinção que existe na essência dos anjos seria confusa, e estes não seriam agentes com atos que conservassem suas condições.

¹⁴ A palavra *Amor* tem muitos significados, Aristóteles, ao dizer que Deus é o primeiro motor, que move as outras coisas “como objeto de amor”, isto é, como termo do desejo que as coisas têm de alcançar a perfeição dele (Met., XII, 7, 1.2072 b 3).

O conceito de *Amor* será utilizado na filosofia medieval, não para definir a natureza de Deus, mas indicar o caminho que conduz a Deus, em Plotino, o Uno não é amor, por ser unidade inefável, superior, à dualidade do desejo (*Em.*, VI, 7, 40). Mas o amor é o caminho preparatório que conduz a visão dele, porque segundo a doutrina de Platão, o objeto do amor é o bem, e o Uno é o Bem mais alto (*ibid.*, VI, 7, 22). Santo Agostinho será o primeiro a identificar o Espírito Santo com o Amor (enquanto Deus Pai é o Ser e Deus Filho é a Verdade), tornando o Amor um conceito teológico, moral e religioso, estando presente na própria essência divina. Tomás de Aquino afirma que é comum toda natureza ter certa inclinação, o apetite natural ou o Amor. Essa inclinação não é diferente nas diferentes naturezas e há, portanto, um Amor *natural* e um amor *intelectual*; o Amor natural é também um Amor reto, por ser uma inclinação posta por Deus nos seres criados; mas o amor intelectual, que é caridade e virtude, é mais perfeito do que o primeiro; portanto, ao se acrescentar a ele, aperfeiçoa-o, do mesmo modo como a verdade sobrenatural se acrescenta à verdade natural, sem se lhe opor, e a aperfeiçoa (*S. Th.*, q. 60, a, 1). O Amor pertence à vontade de Deus e a constitui, além de infundir e criar a bondade nas próprias coisas (*S. Th.*, I, q. 20, a. 2).

¹⁵ *Virtude*, segundo Aristóteles, é o hábito (disposição para ser ou agir de certo modo) que torna o ser bom e lhe permite cumprir bem sua tarefa (*Et. Nic.*, II, 6, 1106 a 22).

VI. Da Justiça¹⁶

A Justiça e os atos da inteligência, da vontade e da conveniência, que fruem a Bondade, a Grandeza, etc., são convenientes. E se a Justiça fosse contra tais atos, seria contra as potências, privando de seus atos o Poder e o Amor contra a Bondade, a Grandeza, a Sabedoria, a Perfeição, pela qual privação de atos as potências seriam confusas, e a entidade dos anjos não se converteria em substância, e sua essência seria mesclada e confusa, na qual, a inteligência, a vontade e a conveniência privariam a virtude através da menoridade da justiça contra a grandeza da bondade, do poder, etc.

E porque isso é impossível, logo, pelo contrário da impossibilidade, está provado que cada propriedade nos anjos retém sua própria virtude, pela qual (virtude) cada uma possui seu próprio ato, pelo qual ato está provada a existência da potência, que não poderia existir sem o ato, o qual ato seria impossível na privação da potência se aquela potência estivesse em privação.

VII. Da Perfeição¹⁷

A Perfeição é conveniente com as potências através dos atos, e por isso a Perfeição da Bondade, da Grandeza, etc., cria potências no ente angelical para que nele existam atos pelos quais a perfeição da bondade, da grandeza, etc. se materialize¹⁸ nas potências, que não poderiam ser materializados sem os atos. E se os Atos estivessem em privação pelo desejo do Amor — pois são convenientes com o Poder e a Justiça — a Perfeição seria privada naquele desejo com a imperfeição do Poder e da Justiça, e a imperfeição concordaria com a Perfeição da Justiça e do Poder do que com o desejo do Amor, que são uma só coisa em Deus.

E porque isso é uma contradição, portanto, pela provação da contradição é manifestado que as potências dos anjos são atos de necessidade segundo o que convém à perfeição da bondade, da grandeza, etc., sendo tais atos o entender, o desejar e o convir.

¹⁶ Deus relaciona-se com os seres criados através de Sua *Justiça*, revelando o caráter moral de cada um, dando aos bons a recompensa, aos maus a punição e o perdão ao pecador arrependido no momento do julgamento.

¹⁷ A *Perfeição* de Deus e das criaturas é descrita por Santo Tomás de Aquino como algo inerente ao ser: “Deus, que é a totalidade do ser, possui o ser segundo a virtude integral do ser, e não pode carecer de nenhuma nobreza que pertença a coisa alguma. Assim como toda a nobreza e a Perfeição inerem a uma coisa porque a coisa é, também o defeito inere a ela porque, de algum modo ela não é” (*Contra Gent.*, I, 28). Assim quanto maior o seu ser, maior a Perfeição; dessa forma, Deus que é todo ser, é totalmente perfeito.

¹⁸ *Objecta* = converter em objeto pelos sentidos ou potências da alma. *GGL*, vol. IV, 1985, p. 11.

VIII. Da Bondade

A bondade da grandeza, do poder, etc., possui concordância com a semelhança de si mesma na grandeza, no poder, etc., de tal modo que, por aquela semelhança, seja conhecida e amada na grandeza, no poder, etc. E por essa concordância, a Divina Bondade com a Grandeza do Poder, etc., dão propriedades que são grandes na Bondade, no Poder, etc., as quais propriedades são dadas aos entes angelicais de tal modo que os anjos recebam a influência das Dignidades que, sem as propriedades, não poderiam influir na Graça, na Benção, nem dar manifestação de Si mesmas (as Dignidades) nos anjos.

E se as propriedades da bondade não dessem mais que o poder, seu desejo seria contrário à justiça, grandeza, perfeição, sabedoria e poder, e tal contrariedade privaria na bondade a grandeza da justiça, da perfeição, da sabedoria e do poder. Por essa privação, a privação de bem, que é mal, participaria com a bondade, a grandeza, etc. Logo, como isso é impossível, a bondade convém com a necessidade, mas não do ato da necessidade, mas pela necessidade da benignidade, da grandeza, etc., que a bondade dá de sua semelhança à grandeza, etc., por que a semelhança criada é condicionada ao ente com tais propriedades que possam com elas fruir as Dignidades incessantemente, e em qualquer lugar que estejam e em todos os tempos, sem fim e sem outro meio.

E se tal ente não pudesse receber tais propriedades, existiria na bondade a imperfeição da grandeza, do poder, etc., e tal privação é impossível.

Pelas oito razões acima ditas, provamos a existência dos anjos segundo a necessidade do uso que as Dignidades merecem ter pela nobreza de Si mesmas nas criaturas. E provamos sua existência através dos anjos, porque a privação de muitos anjos não bastaria para um anjo receber tudo o que é conveniente a muitos anjos segundo a grandeza da bondade, do poder, etc.

E porque o homem ou qualquer outra criatura possui a disposição que convém ter segundo o que é conveniente ao ente dado e criado pelas Dignidades, está provado o que os anjos são, e que possuem a entidade e as disposições acima provadas pelos Atos das Dignidades.

Da Segunda Parte

Esta Parte é dividida em cinco, conforme o que está contido no Prólogo, isto é: a essência, o ente, a substância, as propriedades e as condições. Logo, primeiramente diremos da essência e por conseguinte, diremos das outras.

I. Da essência¹⁹

Esta parte sobre a essência é dividida em três, que são: a inteligência, a vontade e a conveniência. Primeiramente trataremos da inteligência.

1. Da inteligência

A vontade, recebendo a virtude e a influência das Dignidades — que informam a ela as propriedades, isto é, a bondade, a grandeza, o poder, etc. — deseja estas condições à inteligência, isto é, que a inteligência seja forma pura por si sendo uma propriedade pessoal para que não seja um entrave ao entendimento, e que por si mesma e por sua própria virtude entenda incessantemente as Dignidades de Deus, e que de sua própria entidade e natureza possua a bondade, a grandeza, etc., para perceber tudo o que entende a intelectiva pela graça das Dignidades.

Se a vontade não desejasse estas condições tão elevadas à inteligência e desejasse que ela entendesse mais ordinariamente²⁰, estaria contra a justiça e contra a grandeza do poder e da bondade, do poder, da sabedoria e da perfeição, e contra a grandeza de si mesma. E se a vontade desejasse elevada condição²¹ à inteligência e a inteligência não as possuísse, a vontade seria passiva e defeituosa em seu ato, privaria a grandeza da bondade, etc. e as Dignidades não informariam à vontade as propriedades com a perfeição da bondade, da grandeza, etc., e seriam contrárias à grandeza de sua semelhança na inteligência e na vontade.

¹⁹ *Essência* é reduzida por Santo Tomás à substância: “Essência significa algo que é comum a todas as naturezas em virtude da quais entes diferentes são colocados em diferentes gêneros e espécies, assim como a humanidade é a Essência do homem, e assim por diante. Mas, como aquilo em virtude do que a coisa se constitui no gênero e na espécie é o que se entende como a definição que indica o que a coisa é, os filósofos substituíram a palavra Essência por *quiddidade*, esse é o movimento pelo qual o Aristóteles, no VII, da *Metafísica*, frequentemente fala do *quod quid erat esse*, vale dizer, aquilo em virtude do que alguma coisa é o que é.” — ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 361-362.

²⁰ *Baixament* = que não alcança o grau da potência desejada. *GGL*, vol. I, 1982, p. 213.

²¹ Que ultrapassa em potência, dignidade, nobreza, o grau ordinário. *GGL*, vol. I, 1982, p. 190.

E tal contrariedade da Divina Grandeza estaria na Bondade, no Poder, etc., estando também nas criaturas contra Si mesma, e isso é inconveniente. Portanto, as condições que a vontade deseja estão na inteligência, sem as quais a vontade não teria a perfeição em suas próprias condições.

A conveniência convém à inteligência e à vontade. E convém que ela dê condições para que a inteligência entenda e apreenda mais altamente como o calor quando aquece, a visão quando vê, a claridade quando ilumina e a memória quando relembra. Isto porque o calor não pode aquecer sem o meio e as formas ativas e passivas presentes nos corpos compostos, nem a visão pode ver sem a cor²², a claridade e o ar, nem a luz pode iluminar sem o ar e o calor, nem a memória pode lembrar sem o corpo humano, e a ignorância passiva não pode participar da apreensão dos objetos.

Por isso, todas estas potências são defeituosas em grandeza, poder, perfeição e bondade, e esta imperfeição não é suficiente para tornar a inteligência conveniente à Dignidade, que é parte essencial dos anjos e que convém à inteligência de tal maneira, que os anjos, com todos os meios, possam entender a Divina Essência e suas Dignidades.

A conveniência convém à inteligência, para que esteja acima da essência dos anjos em bondade, grandeza, etc. Por isso, a Justiça Divina dá à inteligência as condições convenientes a Ela. Porque se não o fizesse, seguir-se-ia que a grandeza, criada da justiça, da bondade, do poder, etc., conviriam melhor com a maioria da Justiça de Deus em Bondade, etc., e isso é impossível. E essa impossibilidade significa que convém à inteligência estar condicionada para entender as Dignidades de Deus e das criaturas.

2. Da vontade²³

A inteligência entende que, se a vontade é forma essencial simples e propriedade pessoal distinta de si e da conveniência — sendo forma,

²² A edição que serviu de base para essa tradução — *Obres Originals de Ramon Llull* (ed. S. Galmés e outros). Palma de Mallorca: vol. XXI, 1950, p. 305-375 — baseou-se em dois manuscritos: C (manuscrito catalão do século XV) e L (manuscrito latino do século XV). No manuscrito C a palavra escrita nesta passagem é calor; no L é cor. Optamos pela palavra cor, porque a passagem explica as formas necessárias ao ato da visão, e a cor — e não o calor — é uma delas.

²³ *Vontade* possui o sentido de princípio racional da ação. Para a filosofia clássica, o primeiro significado de vontade é apetite (princípio que impele um ser vivo à ação) racional ou compatível com a razão, distinto do apetite sensível, que é o *desejo*. Aristóteles definiu a vontade como “a petição que se move de acordo com o que é racional” (*De an.*, III, 10, 433 a 23), utilizando o termo *voluntário* para designar a *escolha*, que seria a petição voluntária das coisas que dependem de nós (*Et. Nic.*, III, 3, 1113 a 10). Essa concepção prevaleceu na Idade Média e foi repetida por Alberto Magno, Santo Tomás, Duns Scot e Ockham.

propriedade e ato puro sem matéria — mais alta está quando deseja as Dignidades, e pode conter em Si maior Grandeza da Bondade, do Poder, etc., quando deseja através de sua virtude e propriedade, sendo a Bondade, a Grandeza, etc., aquilo que deseja.

O mesmo acontece com a inteligência e a conveniência. E se a vontade possui estas condições tão elevadas para entender a inteligência e as condições da conveniência pelo poder da grandeza na bondade, na sabedoria criada, etc. — e pela Graça do Poder incriado na Grandeza, na Sabedoria, etc. — ela entende a inteligência e concorda com a inteligência e a conveniência na grandeza da bondade, do poder, etc.

E se a vontade não possui as condições ditas acima, é defeituosa em seu desejo, e concorda com a menoridade da Bondade, etc., tornando insuficiente a Grandeza Divina no uso da Perfeição na grandeza da bondade criada, etc. E neste enfraquecimento as propriedades tornam-se defeituosas na entidade da vontade para receber os Atos das Divinas Dignidades através de objetos. Como isso é inconveniente, provamos que aquelas condições estão na vontade, que entende a inteligência com a grandeza da bondade, etc.

A conveniência da vontade convém com a grandeza da justiça, na bondade, no poder, etc. A vontade é condicionada de tal maneira que suas condições concordam com as condições da inteligência, para que a conveniência possua perfeitas condições pela concordância da vontade e da inteligência na grandeza da bondade, do poder, etc.

E se tais condições da conveniência não fossem convenientes na vontade, a conveniência teria uma grandeza de justiça defeituosa, e por essa falta, a vontade não relembraria a influência das Divinas Dignidades segundo a Grandeza da Justiça, e este enfraquecimento é inconveniente — segundo a grandeza da inteligência, da vontade e da conveniência — com o uso que a Justiça de Deus possui na Bondade, na Grandeza, etc.

E porque a conveniência lembra suas condições perfeitas na vontade, esta deseja possuir o uso das Dignidades nas criaturas com a inteligência, a conveniência e a grandeza da justiça, etc., na Bondade e na Grandeza de Deus. E a vontade é propriedade simples possuindo Ato puro e livre na Grandeza da Justiça, etc. E a Justiça deseja seus Atos, os quais possui na Bondade, na Grandeza, etc., participando com os atos da inteligência e da conveniência na entidade angelical na qual as três propriedades pessoais são essências.

Logo, segundo o que foi dito acima, a vontade e a conveniência se condicionam, por que possuem tudo o que desejam e convém segundo a conveniência da grandeza, na bondade, no poder, etc. E se tal vontade fosse assim condicionada no homem, o homem teria vontade com a justiça em tudo o que desejasse, e teria tudo o que desejasse com seu próprio poder, recebendo a influência por meio da Bondade, da Grandeza, etc., de Deus.

3. Da conveniência²⁴

A inteligência entende, segundo sua vontade, que a conveniência é propriedade pessoal sendo forma simples e distinta sem matéria, possuindo Ato puro na Grandeza da Bondade, do Poder, etc., de tal modo que busque com a Justiça receber a influência das Dignidades Divinas. Por essa influência, a Grandeza da Bondade, do Poder, etc., é perfeita, na qual Perfeição não estaria sem a influência e as condições ditas acima.

E por que a inteligência entende a conveniência da Justiça na Grandeza da Bondade, do Poder, etc., entendendo as condições acima ditas, isso demonstra que as condições que a inteligência entende na conveniência e na justiça estão em conveniência, porque se não estivessem, seria coisa impossível que a inteligência concordasse com a Grandeza da Bondade, do Poder, etc., entendendo as condições que à conveniência convém.

A vontade desejou que a conveniência fosse uma suposição igual a si e à inteligência, na Grandeza da Bondade, do Poder, etc. Porque se a vontade desejasse que a conveniência fosse maior que a inteligência ou a si mesma — para que fosse uma propriedade nascida das duas — ela também desejaria que a conveniência e a inteligência fossem maiores, e seu desejo seria contrário à sua grandeza e à grandeza da inteligência.

E porque tal contrariedade engendra na vontade a injúria e a privação da grandeza, na bondade, no poder, etc., a vontade demonstra desejo igual ao da conveniência em si com a inteligência na grandeza da bondade, do poder, etc. Por essa grandeza — e porque a vontade é seu poder quando deseja com a perfeição da grandeza, da sabedoria, etc. — a conveniência é simples suposição igual à inteligência e à vontade, assim como um homem, filho de seu pai e de sua mãe, que é igual a ambos na entidade da espécie humana²⁵. E se a conveniência não seguisse o que deseja a vontade com a Justiça, a Grandeza de seu uso estaria nas Dignidades possuidoras de defeitos contra a Bondade, o Poder, etc. na Vontade, e isso é inconveniente.

²⁴ Para o conceito de *Conveniência* ver nota 4.

²⁵ *Entitat* = qualidade do ente, aquilo que constitui o ser das coisas. *GGL*, vol. II, 1983, p. 297.

Dissemos sobre a inteligência, a vontade e a conveniência e provamos suas condições. Agora convém dizer e provar quando todas as três propriedades estão ao mesmo tempo em um ente composto, que são os anjos e todas as três são sua essência, e segundo suas condições convém estarem condicionados.

II. Do ente angelical²⁶

Esta Parte é dividida em três: a primeira é do nome, a segunda é da forma e a terceira é da matéria. Logo, primeiramente direi do nome.

1. Do nome²⁷

A bondade convém com maior perfeição em grandeza que em pequenez. Por isso, o amor deseja que, da inteligência, da vontade e da conveniência, um ente seja ajustado com o entendimento em amor e concordância para criar a bondade, a grandeza, etc., da inteligência, da vontade e da conveniência.

E porque tal desejo de amor está com a justiça da bondade, do poder, etc., a inteligência entende mais a si mesma se um ente existe com vontade e conveniência, do que se existisse por si mesmo sendo uma propriedade una sem nenhuma participação da vontade e da conveniência.

E porque maior grandeza de bondade, poder, etc., existe com a inteligência, a conveniência convém à grandeza, que, por sua vez entende a inteligência e deseja a vontade e o Poder de Deus, que possui a Bondade, a Grandeza, a Sabedoria, o Amor e a Justiça, e completa a grandeza, a vontade e a conveniência num ente angelical, no qual as três propriedades são ao mesmo tempo sua essência.

E se isso não fosse assim, seguir-se-ia que a Bondade de Deus seria contra a grandeza da inteligência, da vontade e da conveniência, e a inteligência entenderia imperfeitamente a bondade, a grandeza, etc., e entenderia a vontade e a conveniência contra a vontade do Amor, da Justiça, do Poder, da Grandeza, da Perfeição e da Sabedoria, que são Dignidades para a fruição das três propriedades criadas com a grandeza da bondade, etc.

E porque tal entendimento seria inconveniente à vontade, à grandeza da bondade, do poder, etc., a inteligência entende que os anjos são ajustados e

²⁶ *Ente*, é o que é, em qualquer dos significados existenciais de ser. Às vezes, mas raramente, essa palavra é usada para designar somente Deus.

²⁷ No manuscrito latino (1) o título é *Do número angélico*.

unidos por todas as três propriedades num ente onde estão todas as três propriedades e virtudes.

A grandeza da bondade, do poder, etc., privariam os anjos tivessem alguma outra natureza ou entidade que não fosse derivada da inteligência, da vontade e da conveniência, porque dessa forma os anjos não teriam tão grande poder para entender, desejar, concordar e amar a Deus e suas Dignidades ou a si mesmos e à suas propriedades.

Porque assim como o homem que ignora e cessa de amar e de ter conveniência entre sua vontade e seu entendimento — porque seu corpo é composto de outra natureza que não é somente intelectual, mas antes corporal — da mesma forma os anjos teriam a ignorância e a privação do amor e da conveniência se tivessem outra essência que não fosse derivada da inteligência, da vontade e da conveniência.

E porque a maior Grandeza e a maior pureza em Entender, Amar e Convir estão na Vontade de Deus através da Grandeza da Justiça, é demonstrado na vontade de amar dos anjos — que amam a bondade, a grandeza, o poder, etc. — que a essência dos anjos está somente nas três propriedades pessoais.

Os anjos têm o poder de entender e amar a Bondade, a Grandeza, etc., de Deus, e podem tornar conveniente e concordar seu entendimento e seu amor com a bondade, a grandeza, etc. No entanto, os anjos não possuem nenhum poder que possa ser bonificado na Bondade de Deus²⁸, nem magnificado na Grandeza, nem tornar possível o Poder, e o mesmo acontece com as outras Dignidades de Deus²⁹.

Mas, pela Bondade de Deus, os anjos podem bonificar em seu entendimento o amor e a conveniência. Logo, também podem bonificar a grandeza de sua bondade, poder, etc., e o mesmo podem fazer no homem, contudo, salvando no homem seu livre arbítrio. Assim, está demonstrado que os anjos não têm necessidade de ter mais de três coisas em sua essência, porque aquelas lhes bastam para o motivo pelo qual foram criados, isto é, entender e amar a Deus, e concordar seu amor e seu entender com a bondade, etc.

E porque a Justiça de Deus e Seu Poder são uma mesma coisa, o Poder de Deus — que é Uno com Seu Desejo — não quer que os anjos tenham nenhuma

²⁸ Conceito luliano que significa “operar a bondade e seu ato; fazer uma coisa boa.” *Bonificar* é o ato da bondade. *GGL*, vol. I, 1982, p. 253.

²⁹ Traduzimos a palavra *possificar* por “tornar possível”. Na filosofia luliana, o ato de *possificar* significa “exercer o poder da dignidade divina”. Ver *GGL*, vol. IV, 1985, p. 203.

superfluidade que faça com que sua grandeza concorde melhor com a bondade, o poder, etc.

A Sabedoria não contradiz a Perfeição em Deus. E se os anjos fossem compostos somente pela inteligência, pela vontade da conveniência ou as duas partes somente, e não fossem compostos da terceira (a conveniência), seguir-se-ia que a sabedoria contradiria a perfeição da grandeza no uso que a sabedoria possui nos anjos, que são suas criaturas. Isso porque a perfeição dos anjos existe em maior grandeza porque os anjos possuem todas essas três propriedades, o que não aconteceria se os anjos fossem formados somente por uma ou por duas destas propriedades.

E porque é impossível que a sabedoria e a perfeição — que são uma mesma coisa em Deus com a Grandeza, a Justiça, etc. — se contrastem nos anjos ou em alguma criatura, está demonstrado — na Sabedoria, na Perfeição, na Grandeza, na Bondade, etc. de Deus — que é necessário que os anjos sejam totalmente compostos das três propriedades, porque se não o fossem, seguir-se-iam todos os inconvenientes acima ditos.

Provamos que as três propriedades formam uma entidade, um ente, que são os anjos. E como naqueles anjos não são convenientes, nem mais nem menos, as propriedades pessoais, fizemos esta prova através das Dignidades Divinas, das três propriedades e das sete condições dos anjos.

2. Da forma³⁰

O amor não seria conveniente com a grandeza dos anjos se os anjos fossem privados de uma forma comum às três formas de sua essência. Porque a unidade sem a forma não poderia ser conveniente com a grandeza da bondade, etc. E porque o Amor é uma Dignidade que ama a grandeza dos anjos, por isso — e segundo a Grandeza da Bondade e da Justiça que com o Amor são uma coisa una — o Amor deseja que a inteligência, a vontade e a conveniência sejam uma forma comum à toda a essência dos anjos, a qual essência seria conveniente a toda virtude de cada uma das propriedades, de tal maneira que os anjos são muito elevados por sua forma multiplicada no ajustamento e mescla de toda a forma da inteligência, da vontade e da conveniência.

³⁰ Para Aristóteles, a *Forma* é a essência necessária ou substância das coisas que têm matéria. Os escolásticos atribuíam o termo *Forma* a qualquer substância, falavam de “formas separadas”, isto é, as Idéias de Deus (ALBERTO MAGNO, *S. Th.*, I, q. 6; S. TOMÁS, *S. Th.*, I, q. 15 a. 1) e de “forma subsistente”, isto é, os anjos, que não possuem forma nem matéria (S. TOMÁS, *S. Th.*, I, q. 50 a. 2). — ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 468-470.

Porque assim como os elementos nos corpos compostos são derivados de suas simples formas — o que resulta numa forma comum a todos aqueles elementos — e aquela forma é mais nobre que cada uma das simples formas e mais nobre que todas ao mesmo tempo enquanto estão na finalidade para a qual se movem todas as formas que constituem e dão existência aos elementos, assim a forma angelical é maior por ser una e não ser cada uma das formas.

E as três formas seriam iguais à forma comum se cada uma pudesse ter a grandeza de usar a bondade, o poder, etc., como os anjos. E porque não o fazem, está demonstrado que a grandeza da bondade, do poder, etc., convém melhor existir à unidade da forma simples em um ente do que na forma pessoal sem comunicação com outra forma.

Logo, está demonstrado que a Grandeza das Dignidades é mais elevada que a grandeza das criaturas, pois não existe em Deus nenhuma coisa maior que outra. Assim, Deus demonstra sua Grandeza por semelhança e por dessemelhança da forma, sendo a grandeza criada maior em uma forma que em outra.

3. Da matéria³¹

A Justiça incriada magnifica a grandeza criada da forma angélica comum, pois lhe dá matéria sujeita à inteligência, à vontade e à concordância. Porque assim como a madeira que edifica o navio materializa a teoria na prática através das formas dos barcos, e o homem justo — que dos atos de sua memória, entendimento e vontade, que são formas — cria a matéria quando a informa com a fé, a esperança, a caridade, a justiça ou alguma outra virtude que existe na forma, também a forma dos anjos possui abaixo de si as três formas que estão abaixo da matéria³², dando forma a eles em seu ato de desejar, entender, convir, e fazendo com que desejem e entendam a bondade, a grandeza, o poder, etc.

Por isso, todas as três formas — que são a essência dos anjos — são formas porque são distintas em propriedades pessoais e empregam uma forma comum como os quatro elementos, segundo o que já dissemos, e admitem ser

³¹ Aristóteles define *Matéria* como potência: “Todas as coisas produzidas, seja pela natureza, seja pela arte, têm matéria, pois a possibilidade que cada uma tem de ser ou não ser é a matéria de cada uma” (*Met.*, VII, 7, 1032 a 20). A potência porém, é também operante e ativa, e como potência operante, a matéria não é necessariamente corpórea. Plotino, reduz a matéria ao não-ser, e a identifica, como potência e com o infinito (*Enn.*, II, 4, 15) admitindo a existência da matéria sensível e inteligível que não se transforma e possui todas as formas (*Enn.*, II, 4, 3) — ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 646-649.

³² Nesta passagem, Llull explica que as virtudes das propriedades, em suas formas simples, são superiores aos anjos. Mas quando os anjos materializam suas virtudes nos homens, estas posicionam-se abaixo dos anjos.

matéria quando, através delas, os anjos podem ter vontade livre de desejar, entender e convir com a inteligência e a conveniência na bondade, na grandeza, etc.

E se as três propriedades pessoais não se comunicassem desta maneira — para ser matéria à forma universal — seria coisa impossível que a forma tivesse seus atos com liberdade de justiça na grandeza da bondade, etc., porque desejaria, entenderia e conviria de forma constrangedora segundo a natureza de sua essência. E se assim o fizesse, seria coisa impossível que aí existisse a grandeza da justiça na bondade, no poder, etc., e a Justiça de Deus não usaria de sua Grandeza na bondade, na grandeza, etc. dos anjos.

Assim, esse pouco uso seria contra a Grandeza da Bondade, do Amor, da Sabedoria, da Perfeição, que existem em um Deus, e esta contrariedade é inconveniente. Desta maneira, está demonstrado que existem nos anjos a matéria acima dita, a qual é forma resultante e convertida em matéria para que os anjos sejam compostos de matéria e forma sem a qual não poderiam ser constituídos nem estabelecidos como um ente angelical.

E porque sua matéria é mais simples e mais obediente à forma porque é composta de formas que se comunicam sem ir e vir nem perder suas formas para constituir uma matéria, os anjos são mais simples que quaisquer outras criaturas, e sua matéria se convém mais com suas formas que quaisquer outras criaturas.

E como isso é assim, existe diversidade na matéria angélica entre um anjo e outro, diversificando-se por formas segundo a disposição da matéria angelical, que existe segundo a essência própria de cada um dos anjos, que, por sua vez, não existe da matéria de outro anjo e que se submete à forma segundo a distinção da bondade de um anjo, que é distinta da bondade de outro anjo. O mesmo se segue da grandeza, do poder, etc. E se isso não fosse assim, haveria nos anjos falta de grandeza por essência e por ato contra a Perfeição que a Grandeza de Deus possui em Bondade, Poder, etc.

III. Da substância³³

Esta Parte é dividida em três: a virtude, as potências e os atos. Logo, primeiramente trataremos da virtude.

³³ O significado de *substância* é estrutura necessária. Esse conceito foi desenvolvido na *Metafísica* de Aristóteles. Designa, em primeiro lugar, o que é necessariamente aquilo que é, isto é, a *essência necessária*, e, em segundo lugar o que existe necessariamente, que relaciona-se com a primeira definição. Santo Tomás reduz a substância à *quiddidade* (essência necessária) e ao *sujeito* (*S. Th.*, I. q. 29, a. 2).

1. Da virtude³⁴

A perfeição não se contradiz com a grandeza da virtude, antes a completa com a grandeza da bondade, do poder, etc. Logo, como os anjos são perfeita virtude pela essência, unidade, forma e matéria, são um ente unido de inteligência, vontade e conveniência — que são virtudes — e são composto de forma e matéria — que também são virtudes — convém que aquela virtude — que são os anjos — unidos pelos virtuosos princípios acima ditos sejam iniciados por distintas virtudes que são potências as quais agem nos distintos atos virtuosos.

Porque assim como a inteligência, a vontade e a conveniência se comunicam fortemente e ao mesmo tempo formam um ente simples que é uma mesma virtude, forma, matéria e pessoa, da mesma forma, segundo a perfeição da virtude, convém que ela seja diversificada nas potências e nos atos, estando a virtude una pela unidade da pessoa. E isso convém pela grandeza da justiça de tal modo que esteja por suas obras na grandeza da bondade, do poder, da sabedoria e do amor para tornar objeto às Dignidades de Deus entendendo e amando aqueles anjos.

Assim, temos conhecimento que os anjos são substância, pois sua virtude está abaixo dos atos das diversas potências. Logo, pelas diversas potências, as obras não poderiam existir sem que a virtude se diferenciasse pelas potências e pelos atos, estando a virtude em uma pessoa, isto é, um ente, que é aquela mesma substância.

Porque assim como o homem, que é um ente constituído em sua essência por matéria e forma, e é substância porque está abaixo das potências e acidentes — e o ente e a substância não se multiplicam em duas pessoas, antes são uma mesma pessoa — da mesma forma os anjos são substâncias através das potências e são um ente pela essência.

³⁴ *Virtude* é uma disposição constante do espírito que, por um esforço da vontade, inclina-o para a prática do bem.

2. Das potências³⁵

A bondade e a grandeza do bem possuem maior concordância no poder, na sabedoria, no amor, na justiça e na perfeição do que na menoridade do bem. E porque a Bondade e a Grandeza de Deus desejam convir nos anjos através da Justiça no grande uso do bem, o amor deseja que, assim como a inteligência se comunica distintamente para constituir um ente que são os anjos, da mesma forma sua virtude flui através da virtude comum que são os anjos e as substâncias distintamente, e as potências possuem distinta obra, ofício e entendimento.

O amor desejou o mesmo da vontade e da conveniência, isto é, que o desejo fosse vontade e a conveniência fosse memória. Isso por que a este nome memória, atribuímos a conveniência, porque não existe outro vocábulo que lhe seja tão conveniente — porque a memória recebe, retém, ajusta e concorda com o que é conveniente através do entender e do desejar no entendimento e na vontade. E a memória, o entendimento e a vontade se convém e se revolvem.

Logo, como o que foi dito acima é desejado pelo amor segundo a grandeza de bem — estando significadas as potências pela grandeza de bem, a qual não estaria nos anjos se seus princípios não fluíssem distintos da virtude comum quando se comunicam distintamente naquela virtude — existiria menoridade de bem se as suas propriedades pessoais se perdessem e fossem confusas, pela qual perda e confusão seria impossível nascer potências onde os atos fossem diversos. E sem tal diversidade, uma obra não poderia existir e ser grande na bondade, no poder, etc., para receber as Dignidades de Deus através dos objetos.

3. Dos atos

Deus não teria a grandeza da justiça na potência que é o entendimento dos anjos se não lhes desse o ato de entender, pois a potência é vã sem o ato. O mesmo se segue do desejo — que é o ato da vontade — e do lembrar — que é o ato da memória. E porque a Justiça de Deus é grande em Bondade, Poder, etc., logo, convém que os anjos sejam entendidos, amados e lembrados.

E se os anjos fossem constrangidos a entender, desejar e lembrar a Bondade, a Grandeza, etc., de Deus, a justiça conviria com a menoridade contra

³⁵ *Potência* é definida por Aristóteles como princípio ou possibilidade de mudança. Num sentido específico, é a capacidade de realizar mudança em outra coisa ou em si mesmo. Assim como: *potência ativa* (capacidade de sofrer mudança, causada por outra coisa ou por si mesmo), e *potência passiva* (capacidade de mudar ou ser mudado para melhor e não para pior; capacidade de resistir a qualquer mudança) (*Met.*, V, 12, 1019 a 15; IX, 1, 1046 a 4). A tradição filosófica medieval repetiu essas distinções sem variações. Ver ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 782-783.

a grandeza criada da bondade, do poder, etc., contra as quais propriedades a justiça seria contrária em grandeza se os anjos não pudessem ter a grandeza em seus atos. E porque tal contraste seria impossível nas Dignidades de Deus, é demonstrado por essa impossibilidade que existe liberdade nos anjos para entender, amar e lembrar.

E se os anjos incessantemente e em todos os tempos não entendessem, amassem e lembrassem em grandeza as Dignidades de Deus, a Grandeza da Perfeição estaria privada na Sabedoria, no Amor, na Justiça, no Poder e na Bondade, que são Dignidades, distinguindo os princípios e a intenção final na qual os anjos foram criados, contra a qual grandeza de uso estaria a Grandeza da Bondade, do Poder, etc., e isso é impossível.

E se os anjos fossem malignos por possuírem atos contra a finalidade para a qual foram criados sem que fosse alterada a Grandeza de Deus na Bondade, no Poder, etc., seguir-se-ia maior uso da Grandeza, do Poder, etc., o qual uso têm as Dignidades nos anjos malignos que em grandeza entendem, desamam e lembram a grandeza criada da bondade, do poder, etc.

Se o uso das Dignidades fosse maior nos anjos malignos, e os anjos benignos não fruissem com a maior Grandeza da Bondade, do Poder, etc. as Dignidades de Deus — e se o uso acima dito e a maior fruição fossem desamáveis à Vontade de Deus para que os anjos malignos não existissem — a vontade do amor seria contrária à grandeza da bondade, do poder, etc., e isso é impossível.

IV. Das propriedades dos anjos³⁶

Muitas são as propriedades dos anjos, mas nós trataremos de algumas brevemente, que são: a bondade, a grandeza, o poder, a sabedoria, o amor, a justiça e a perfeição. Essas propriedades são criaturas e imagens intelectuais onde estão representadas as Dignidades Divinas, que são inteligíveis e amáveis. Por essa inteligibilidade e amabilidade, a Justiça, a Sabedoria e o Amor de Deus têm ordenado às propriedades criadas que as Dignidades incriadas sejam entendidas e amadas. E se isso não tivesse sido ordenado, as Dignidades seriam contra a Grandeza da Bondade, do Poder, da Justiça, da Perfeição, que são Dignidades amáveis e inteligíveis, e essa contrariedade é impossível.

³⁶ As *Propriedades* são qualquer qualidade, atributo, determinação que sirva para caracterizar um objeto ou para distingüi-lo dos outros.

E por essa impossibilidade, as propriedades são demonstráveis. E primeiramente desejamos tratar da bondade criada, e depois das outras propriedades, e neste tratamento prosseguiremos com as Divinas Dignidades.

1. Da bondade

A Bondade, que é Deus, representa a Si mesma quando usa a grandeza do poder, da sabedoria, do amor, da justiça e da perfeição nas criaturas. Por isso, a Bondade, que é uma Dignidade, usa a bondade criada da grandeza no poder, na sabedoria, no amor, na justiça, na perfeição que são propriedades dos anjos. E porque a grandeza da bondade convém com a liberdade angelical em desejar amar as Dignidades de Deus, a Divina Bondade exalta a retidão da bondade angelical que existe na vontade, tão rápido quanto foi criada, quando persevera de maneira perdurável o ato de amar e de conhecer a Divina Bondade.

Logo, como isso é assim, a bondade dos anjos é uma propriedade que existe³⁷ e com a qual eles fruem a Bondade de Deus e a usam nas criaturas. Porque assim como é dado o calor ao fogo para aquecer o ar, da mesma forma é dada a bondade aos anjos para que eles façam boas obras. E assim como o calor é propriedade natural no fogo, da mesma forma a bondade dos anjos é propriedade natural para que eles desejem usar dela no ato de fruir a Bondade Divina. Isso acontece de tal maneira que, assim como o fogo não cessa de aquecer, os anjos bons não cessam de fazer boas obras, as quais são grandes em poder, sabedoria, amor, justiça, perfeição.

2. Da grandeza

A Grandeza de Deus é infinitamente grande em Bondade, Poder, Sabedoria, Amor, Justiça e Perfeição. Por isso, criou nos anjos a propriedade que é a grandeza da bondade, do poder, etc., a qual grandeza não teria sido criada se os anjos fossem estrangidos a conhecer e amar a Grandeza que Deus tem em sua Bondade, Poder, etc.

E porque ao Ato da Grandeza incriada convém criar maior grandeza de bondade, poder, etc., a Grandeza de Deus — que se convém com a Bondade, o Poder, a Justiça — desejou que os anjos amassem e conhecessem a Deus de maneira livre e não estrangida, para que seu amor e seu conhecimento fossem grandes na grandeza da bondade, do poder, etc., e não o seriam se os anjos fossem estrangidos a conhecer e amar a Grandeza que Deus possui em Bondade, Poder, etc.

³⁷ No original “a Bondade dos Anjos é uma propriedade que acontece...”. Traduzimos conforme o sentido da frase.

E se a grandeza que os anjos possuem em bondade, poder e etc., fosse desamável à Deus, a Grandeza de seu Amor seria contrária à Grandeza de Sua Justiça, etc., e isso é impossível. E por essa impossibilidade está demonstrado que a grandeza que os anjos benignos possuem em bondade, poder, etc., é uma propriedade inseparável, porque se fosse um acidente separável, a Bondade, o Poder, etc., que são Deus, estariam contra a Grandeza Divina, e isso é impossível. Por esta demonstração, existe nos anjos benignos a propriedade da grandeza em bondade, etc.

3. Do poder

O Poder incriado dá a forma de sua semelhança nos anjos segundo o que a entidade angelical recebe da influência do Poder Divino. Por isso, o poder dos anjos — que existe na bondade, na grandeza, na sabedoria, etc. — é propriedade para que seja grande em bondade, em sabedoria, etc., e esta grandeza não existiria se não fosse uma propriedade. E se os anjos tivessem seu próprio poder, ele seria maior do que é, porque teria tudo o que poderia querer sua vontade, seu amor e seu poder seriam uma mesma coisa, mas isso não convém segundo a justiça, mas somente na Entidade de Deus, onde Seu Poder e Querer são uma mesma coisa, através da qual a Unidade Deus pode tudo o que Seu Amor deseja.

Logo, como isso é assim, o que os anjos podem em bondade, em grandeza, etc., o podem com a propriedade de seu poder em bondade, grandeza, etc., graças à influência do Poder de Deus neles. E por essa influência e semelhança que os anjos recebem do Poder incriado acontece a propriedade do poder angelical, e o Poder de Deus o faz assim de maneira semelhante a Si mesmo, como o pai faz o filho segundo o que é suficiente em sua natureza para que o filho receba a semelhança de seu pai.

4. Da sabedoria

A sabedoria descende da inteligência com a grandeza da bondade, do poder, etc., sendo a sabedoria propriedade da inteligência. E estando a sabedoria na potência do ato do entendimento ela convém com a grandeza, na bondade, etc. E se a inteligência não tivesse ato próprio na bondade, na grandeza, etc., a Sabedoria, que é uma Dignidade, não daria semelhança de Si mesma à Grandeza da Bondade, do Poder, etc., e o Amor de Deus seria contra a Grandeza de Sua Bondade, Poder, etc., e tal contrariedade é impossível.

E por essa impossibilidade, convém à sabedoria dos anjos — onde está a grandeza da bondade, do poder, etc., — seja uma propriedade com a qual os anjos conheçam o que conhecem, conhecendo com a bondade, o poder, etc., de tal modo que em sua sabedoria seja representada a Divina Sabedoria que forma

Sua semelhança na sabedoria dos anjos segundo podem ser grandes a grandeza e a sabedoria dos anjos em bondade, poder, etc.

Logo, como isso é assim, está significado que os anjos entendem que em sua sabedoria existe a grandeza da bondade, do poder, etc., e — como sua sabedoria é proveniente da potência de sua bondade, poder, etc. — (essa sabedoria) foi confirmada no ato como propriedade, estando no hábito e no ato. Os anjos não ignoram essa confirmação, pelo contrário, entendem o que convém à grandeza da bondade, do poder, etc., por hábito e ato, conservando os objetos no hábito da sabedoria, e na qual não existe tanta grandeza de poder, etc., que possa elevar todos os objetos ao mesmo tempo, porque se o fizesse, seria igual em grandeza à Divina Sabedoria, sendo tal igualdade contra a Justiça e a Grandeza da Bondade, etc.

5. Do amor

O amor dos anjos benignos é grande segundo a grandeza da bondade, do poder, etc., dos anjos. Tal grandeza é grande segundo o que o Amor de Deus dá forma à Sua semelhança na maneira que sua Grandeza desejou na Justiça e na Perfeição. Por isso, o amor dos anjos é propriedade da vontade, estando no ato da vontade. E se nos anjos o amor não fosse propriedade, haveria na vontade privação da natureza contra a grandeza da bondade, do poder, etc., e tal privação seria contrária à Grandeza do Amor Divino, que à Sua semelhança parece amor angelical, segundo o que a potência, que nos anjos é vontade, pode receber, e segundo o Amor Divino que a vontade ama, com livre arbítrio. E porque o amor dos anjos foi uma propriedade que aconteceu incontinentemente que a vontade amou a Deus com toda a grandeza de sua bondade, poder, etc., no momento que os anjos foram criados, por isso eles amam incessantemente com bondade, grandeza, etc., da mesma forma que o sol, que ilumina o ar incessantemente.

6. Da justiça

A justiça é uma propriedade que existe nos anjos para que não haja falta de grandeza na bondade, no poder, etc., e para que a conveniência, que nos anjos nasce da inteligência e da vontade, não exista sem ato. E se a justiça fosse uma propriedade sem liberdade de poder, de sabedoria e de amor, estaria em privação de grandeza na bondade, na perfeição, no poder, no amor e na sabedoria. Se fosse possível que a justiça — estando grande na bondade, no poder, etc. — pudesse privar nos anjos a liberdade do poder, da sabedoria e do amor, seria coisa possível que a justiça e seu contrário fossem uma mesma coisa na bondade, na grandeza, etc., e isso é impossível e uma contradição. Por que está significada a semelhança que a Divina Justiça imprime e informa na justiça dos anjos, justificando a Justiça Divina com livre vontade em sua entidade e nas criaturas

com grandeza da bondade, do poder, etc.. E tal grandeza é coisa impossível que a livre vontade divina possa existir contra a grandeza da bondade, do poder, etc.

7. Da perfeição

A perfeição está na grandeza da bondade, do poder, etc., e *e converso*. E se a perfeição não fosse uma propriedade nos anjos, a imperfeição poderia estar nos anjos benignos com a bondade, a grandeza, etc., e isso é impossível, porque se fosse possível a perfeição e a imperfeição seriam a mesma coisa, e tal unidade é impossível. E por essa impossibilidade está demonstrado que a perfeição é propriedade nos anjos com a grandeza da bondade, do poder, etc., com a qual perfeição os anjos fazem na grandeza da bondade, do poder, etc., como o fogo faz no ar o calor e o resplendor. Logo, naquele momento está significado que a Perfeição de Deus assemelha-se à perfeição dos anjos, porque a perfeição angélica está significada quando a Divina Perfeição faz o que faz, em Si mesma e nas criaturas, com Grandeza da Bondade, do Poder, etc.

Provamos as sete propriedades que existem nos anjos benignos, as quais estão neles como potências a partir do momento que foram criadas, e são atos todos os tempos que os anjos fruem Deus. E essas propriedades são firmadas quando Deus as fez nos anjos, para que a semelhança de Suas Dignidades aí fosse manifestada.

V. Das condições dos anjos³⁸

Segundo o que são as propriedades acima ditas nos anjos, suas condições seguintes também são propriedades. Logo, como as condições dos anjos são muitas, nós trataremos algumas brevemente. Por isso, desejamos tratar somente quatro condições, exemplificadas pela imortalidade, lugar, tempo e movimento. Primeiramente diremos da imortalidade, com a inteligência, a vontade e a conveniência, e desejamos tratar das condições dos anjos benignos e de suas propriedades acima ditas.

1. Da imortalidade³⁹

Já dissemos como a essência dos anjos existe pela inteligência, vontade e conveniência, que constituem um ente que são os anjos e é substância abaixo das potências, havendo atos na bondade, na grandeza, etc. Tal ente e substância

³⁸ *Condição* = circunstância, causa, motivo.

³⁹ *Imortalidade*, para Santo Tomás, é um *desejo natural*, sendo assim, “qualquer um que tenha inteligência naturalmente deseja existir para sempre. Mas um desejo natural não pode ser vão. Portanto, toda substância intelectual é incorruptível” (*S. Th.*, I, q. 75, a.6) — ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 542-544.

existem com a matéria e a forma intelectual. E porque nos anjos a matéria e a forma constituem suposição com distinção, concordância sem contrariedade, a distinta concordância descende da inteligência, da vontade e da conveniência.

Por isso, os anjos são imortais pela essência e pela união da matéria e da forma, sendo a matéria sem corrupção e a forma princípios simples que convêm existir no ente angelical sem contrariedade, e a matéria angelical intelectual não possui apetite⁴⁰ à outra forma, nem existe falta de matéria na forma. Logo, é condição dos anjos a imortalidade com a grandeza da bondade, do poder, etc. Por essa condição, os anjos são imortais e duráveis para que a Divina Imortalidade de Si mesma dê imagem e semelhança na imortalidade dos anjos.

2. Do lugar⁴¹

Assim como a inteligência constitui em sua natureza o ato de entender a potência que é entendimento, da mesma forma os anjos, que são finitos e completos, constituem em sua natureza o lugar que é finito e completo. Porque assim como a inteligência é de natureza angelical, da mesma forma o lugar é da natureza do que é terminado e finito. Por tudo isso que está colocado, o lugar existe onde está a natural inteligência dos anjos com a qual os anjos entendem⁴².

Por isso, cada anjo e cada criatura está onde está seu lugar. Mas assim como a natureza do homem melhor se convém com o homem em um lugar que em outro, da mesma forma os anjos melhor convém com seu lugar nos céus do que na terra.

E porque o lugar das coisas corporais não pode ser o lugar dos anjos, que não são corporais, os anjos podem estar em seu lugar no lugar das coisas corporais, porque se não pudessem, seguir-se-ia que quando estivessem no lugar onde estão as coisas corporais eles deixariam seu lugar e estariam colocados no corpo e privados de seu lugar. E porque isso é impossível, está dito o suficiente do lugar angelical, o qual não é impedido pelo lugar corporal a significar que Deus está em todo lugar e por todo o lugar, porque é infinito e sem quantidade, pela qual quantidade tudo isso que existe convém que seja finito no lugar, seja de natureza corporal ou intelectual.

⁴⁰ *Apetite* é o que impele um ser vivo à ação para satisfazer um desejo, uma necessidade, etc. Aristóteles coloca o apetite junto do sentido e do intelecto na alma humana (*Et. Nic.*, VI, 2, 1139 a 17). Pertencem ao apetite: o desejo, a irascibilidade e a vontade (*Et. Nic.*, II, 3, 414 b 2).

⁴¹ O *Lugar* é a situação de um corpo no espaço. Para Aristóteles, o lugar é o limite que circunda o corpo: é "...o primeiro limite imóvel que encerra um corpo" (*Fs.*, IV, 4, 212 a 20); isto é, aquilo que está a sua volta. Essa concepção também foi utilizada pela filosofia medieval.

⁴² Literalmente, "Por isso, tudo isso que está colocado, é onde que seja, assim em seu lugar como é natureza dos anjos a inteligência na qual coisa os anjos entendem." Traduzimos conforme o sentido.

3. Dos tempos

Assim como o animal racional convém com a humanidade, da mesma forma o ente convém com tudo o que foi principiado. E porque os anjos são principiados, convém com seu próprio tempo, que é durável e imutável. Por isso convém aos anjos possuir⁴³ os princípios da bondade, da grandeza, do poder, etc.. E a bondade, a grandeza, etc., que existem no tempo dos anjos, significam em si mesmas a Eternidade de Deus, que existe sem o tempo. A Eternidade de Deus dá Sua semelhança no princípio dos tempos com a privação do tempo no meio e no fim do tempo angelical, e este princípio convém com a privação da grandeza.

Logo, como isso é assim, a Eternidade de Deus dá forma mais fortemente, como modelo, ao tempo dos anjos, com Sua durabilidade e semelhança, mais do que em qualquer outra criatura. E nesta semelhança estão condicionados os anjos e o tempo, e eles entendem, amam e lembram a Deus em todo o seu tempo, com a grandeza da bondade, do poder, etc.

4. Do movimento⁴⁴

Como são propriedades dos anjos a grandeza da bondade, do poder, da sabedoria, do amor, da justiça, da perfeição, segundo o que foi dito acima — e porque a virtude da substância é maior para comunicar-se com as potências onde é mais próprio à coisa receber a virtude — por isso, o movimento convém aos anjos por que a grandeza de sua inteligência, vontade e conveniência é maior na bondade, no poder, etc.

Assim, os anjos movem-se até os lugares para usar de sua bondade, grandeza, etc., e isto não aconteceria se sua virtude se movesse aos lugares sem sua substância. Porque assim como a substância do fogo se move até os lugares que aquece com sua virtude — o qual movimento realiza para que exista maior calor naqueles lugares — da mesma forma os anjos movem-se incessantemente para que exista maior uso da bondade, da grandeza, do poder, etc.

Dessa forma, o movimento convém aos anjos, e este movimento significa a Imobilidade de Deus, que é infinito e está essencialmente em todos os lugares em virtude. Pois, se Deus fosse finito, mover-se-ia substancialmente para todos os lugares. Por sua vez, o movimento dos anjos não é impedido pelo tempo nem

⁴³ Literalmente seria “...convém com os Anjos por maneira de princípios de Bondade...”. Traduzimos conforme o sentido.

⁴⁴ Movimento, segundo Aristóteles, é “a enteléquia daquilo que está em potência” (Fís., III, 1, 201 a 10), o que significa a realização do que está em potência.

pelo lugar, porque cada anjo está em seu próprio tempo e em seu próprio lugar, segundo o que foi dito acima.

E com a natureza da inteligência — que subitamente entende o objeto que apreende — o entendimento entende aquele objeto, e com a natureza da vontade — que subitamente deseja aquele objeto com o ato de relembrar a bondade, a grandeza, etc. — os anjos imediatamente movem-se em um instante de um lugar para o outro tanto nos lugares distantes quanto nos lugares próximos. Da mesma forma isso acontece com a imaginação do homem, que imediatamente apreende os objetos que estão num lugar distante como faz com os objetos que estão próximos.

Mas porque a essência dos anjos existe através da inteligência, da vontade e da conveniência, eles apreendem imediatamente os objetos que estão distantes pelo tempo, como faz com aqueles que estão próximos, e isto significa a Grandeza da Sabedoria de Deus, para a qual nenhum objeto está distante. Logo, como isso é assim, os anjos movem-se pelos lugares sem tempo onde a demora é impossível, e movem-se sem impedimento de lugar, e por isso os anjos não se movem entre o princípio e o fim dos tempos nem de lugar, e assim se movem pelos lugares corporais, como o raio do sol atravessa o vidro que é um corpo.

Assim, dissemos das condições dos anjos, as quais existem segundo a natureza de sua essência e segundo suas propriedades, que são formadas pelas Divinas Dignidades.

Da Terceira Parte, da fruição⁴⁵ que os anjos têm em Nosso Senhor Deus

Esta Parte é dividida em sete, as sete propriedades dos anjos com as quais eles contemplam e fruem as sete Dignidades de Deus e seus atos seguindo a natureza que possuem por essência, entidade, substância, potência e ato. Como os anjos possuem e conservam essa ordenação dita acima, fruem e contemplam a Deus e Suas obras nas quais Deus existe em Si mesmo e fora de Si mesmo e os anjos são criados e condicionados a conhecer e amar essas obras. Logo, primeiramente diremos da bondade.

I. Da bondade

A bondade, que é propriedade nos anjos, é criada para que frua a Bondade que em Deus é Dignidade, pois existe na Bondade de Deus maior Grandeza de Poder, de Sabedoria, etc., do que na bondade dos anjos. Pela maior Grandeza segue-se que a intenção final pela qual existe a bondade nos anjos é para que frua a Divina Bondade. E se isso não fosse a intenção final, seguir-se-ia que a Justiça, a Sabedoria e o Amor de Deus seriam contra Sua própria Grandeza e contra a Grandeza da Bondade, do Poder, da Perfeição que são uma mesma coisa. Segundo o que foi dito acima o princípio significa que a bondade dos anjos é obrigada a fruir o bem que a Bondade de Deus possui em Si mesma do que o bem que sua obra infunde fora de Si mesma nas criaturas, pois o maior bem é aquele que existe na Divina Bondade, que é Deus, do que aquele bem que Deus criou e fez produzir nas criaturas e nas Suas obras.

Logo, como isso é necessário, segundo a grandeza da justiça na bondade, no Poder, etc. — e porque os anjos fruem a Bondade de Deus nos bens criados, isto é, na entidade dos anjos, dos homens, das virtudes, das propriedades e dos acidentes que são bens, e os céus, os elementos e as espécies — convém que fruam a Divina Bondade em algum ou alguns bens nos quais a Divina Bondade exista em Si mesma, do qual bem ou bens convém que os anjos tenham conhecimento, e do qual bem ou bens convêm algum ou alguns nomes próprios. Porque, se a Bondade de Deus não existisse em Si mesma, nem algum bem ou bens com distinto ou distintos nomes e vocábulos, seria coisa impossível os anjos terem um conhecimento tão grande e poder amar tanto como fazem pelos bens que Deus criou, os quais têm nomes próprios e vocábulos.

⁴⁵ Na Escolástica medieval, a palavra *Fruição* foi utilizada para designar o usufruto de Deus por parte dos homens ou, pelas criaturas racionais, por Ele constituir o fim último delas (cf. S. TOMÁS, *S. Th.*, II, 1, q. 11, a. 3).

E se não pudessem, conhecer e amar tanto a bondade pelo bem que possui e convém ter em si mesma — como pelo bem que existe fora de si mesma — a intenção final acima dita seria vã e inútil, porque a falta de bondade criada dos anjos na grandeza do poder, da justiça, da sabedoria, da perfeição na Bondade de Deus, é impossível. E por essa impossibilidade está demonstrada que da necessidade convém que a Bondade de Deus tenha em Si mesma algum bem próprio ou bens próprios, e tal bem ou bens sejam fruídos pelos anjos conduzindo o conhecimento àquele bem ou bens, e que aquele bem ou bens especifique bens próprios nos anjos com os quais possam fruir a Bondade Divina em seu bem ou bens Divinos específicos, os quais bens especificados especificam-se na bondade dos anjos, bens que são sua essência e seu ente, substância, potências, atos, propriedades e condições, sem os quais bens criados e especificados a bondade dos anjos não poderia fruir a Divina Bondade à fruição para a qual foi criada.

II. Da grandeza

A grandeza existe na essência dos anjos, que são um ente grande em matéria e em forma, e são substância grande em virtude, potências e atos. Estes atos são grandes em bondade, poder, sabedoria, amor, justiça e perfeição. E a grandeza dos anjos frui a Grandeza que Deus tem em Bondade, em Poder, em Sabedoria, em Amor, em Justiça e em Perfeição, fruindo a Grandeza de Deus por Si mesma. Porque se a grandeza dos anjos é grande fruindo a Grandeza que Deus tem em Bondade, em Poder, etc., convém que seja grande em fruir a Grandeza de Deus com a Divina Bondade, o Divino Poder, etc.

Porque, se não fosse assim, seguir-se-ia que a Grandeza existiria em Deus para a segunda intenção e a Bondade, o Poder, etc., existiriam também para a primeira intenção, e isso é impossível, por que não pode existir em Deus uma Dignidade maior que outra e Deus tem que ser um Ente infinito em Grandeza de Essência, de Substância e de Virtude para que sua Grandeza não seja compreendida pela inteligência dos anjos — que seria compreendida se existisse para a segunda intenção, que convém com a menoridade⁴⁶.

⁴⁶ A doutrina da *Primeira e Segunda Intenção*, já esboçada na primeira obra de Ramon Llull (*Compendium logicae Algazelis*) foi desenvolvida no *Libre de Contemplació en Deu*, onde o autor afirma que Deus ordenou no homem a *Primeira e a Segunda Intenção*: “Onde, Bendito sejais Vós, Senhor, que haveis desejado que a primeira intenção do homem seja amá-Lo, honrá-Lo, servi-Lo e conhecer a Vossa bondade e a Vossa nobreza; a segunda intenção que existe no homem, desejais que o homem queira possuir os bens que são consequência dos méritos da primeira intenção.” (ORL, vol. I, 1906, cap. 45, 2, p. 227) (os grifos são meus). Para Llull, o homem não pode chegar à *Segunda Intenção* sem antes ter em si a primeira; isto seria uma corrupção de sua finalidade enquanto ser criado. Em sua essência, esta teoria toca no princípio da finalidade do homem — um tema entre a Ética e a Metafísica — e trata no fundamento da verdade, do valor e da ordem moral (SOLER PLANAS, Juan. *Ética luliana y derecho de propiedad*. Palma de Mallorca: Estudio General Luliano, 1968, p. 70). Para Llull, o ser não pode ser passivo, se ele existe,

E porque a Grandeza de Deus é incompreensível, é grande em uma mesma coisa com a Bondade, do Poder, etc., porque é um Ente infinito em Essência pela obra da Bondade, do Poder, etc.

E se Sua obra fosse finda, estaria acabada a Grandeza na Bondade, no Poder, etc., e o Ente seria finito na Grandeza da Virtude e do Ato. E tal fim privaria a Grandeza em Deus, e tal privação é impossível. Por essa impossibilidade, convém existir algum Nome próprio que especifique a Grandeza de Deus através de Sua obra infinita. Porque sem tal Nome, a inteligência dos anjos não poderia ser grande para conhecer a infinitude da Divina Grandeza, antes compreenderia aquela inteligência, e tal compreensão destruiria a fruição que os anjos devem ter na Grandeza com a Justiça da Bondade, do Poder, etc.

III. Do poder

O poder que os anjos possuem para fruir o Poder de Deus existe por causa do Poder Divino, que, por sua vez, influencia nos anjos o poder com o qual Eles fruem em si mesmos a Bondade, a Sabedoria, etc. Por isso, o Poder da Bondade, da Sabedoria, etc. é especificado no poder dos anjos e o Poder que é propriamente e simplesmente Poder, ao qual convém um Nome e Ato próprio.

Logo, os anjos fruem o Poder de Deus pela unidade do poder com a bondade, a grandeza, etc., pelos quais nomes e propriedades que estão na bondade, no poder, na grandeza, etc., os anjos entendem e amam alguma ou algumas obras que estão em Deus e nas Divinas entidade e natureza com as quais buscam o Poder de Deus na Obra e no Poder que são Deus. Pois se isso não fosse assim, seguir-se-ia que existiria em Deus um Poder através do qual existiria nas criaturas o ato da bondade, da sabedoria, etc., e seria bom que pudesse existir na criatura e não seria bom que existisse em Deus o Ato de Si mesmo e da Bondade, da Sabedoria, etc., privando da Grandeza na Bondade, na Sabedoria, etc. em Si mesmo, e esta privação é impossível. Através dessa impossibilidade está demonstrado a forma com a qual os anjos fruem o Poder de Deus — que tem Poder Próprio, Essência Divina, e são uma mesma coisa em Bondade, em Sabedoria, etc.

existe para a atividade. Daí sua intensa ação, sua energia voltada para a reforma cristã da sociedade de seu tempo.

A *Primeira Intenção* é Deus, e Ele está em contínua atividade, uma atividade *ad intra*. Esta atividade é a própria Santíssima Trindade. O pai (criação), produz o Filho (o criado, o objeto) através do Espírito Santo. A *Segunda Intenção* é uma atividade peregrina (*ad extra*), que é a própria atividade de Deus, e tem como consequência o mundo criado. Esta criação será reflexo (*imago*) de Deus, quer dizer, reflexo da Santíssima Trindade, portanto atividade pura. Esta teoria é um dos pilares do pensamento luliano. — COSTA, Ricardo da.

Com essa Unidade e com esse Poder, Deus pode fazer com sua Bondade tudo o que é Bom, e o Poder, que é Bom, pode fazer tudo o que é Poder. O mesmo se segue do Poder na Grandeza, na Sabedoria, no Amor, na Justiça e na Perfeição em Si mesmo. E por essa consequência ocorre que, assim como o homem pode andar com seus pés, obrar com suas mãos e entender com seu entendimento, da mesma forma e muito melhor, o Poder de Deus pode com a Bondade, a Grandeza, etc., e podem a Bondade, a Grandeza, etc., com o Poder.

Logo, tu poderias ter e obrar tudo o que desejas se teu poder fosse uma mesma coisa com tua bondade e se teu desejo pudesse ter o poder que desejasse ter ou fazer. Assim, Deus pode tudo o que é bom, grande, sábio, amável, justo, perfeito em Si mesmo, na Bondade, na Grandeza, etc., que são a mesma coisa. E se Deus tivesse tal poder em Si mesmo sem obrar, seu Poder seria Potência sem Ato na Bondade, na Grandeza, etc., e existiria ato nas criaturas, o qual Ato seria maior em Si mesmo do que na Bondade, na Grandeza, etc., de Deus, e isso é impossível, porque estaria revelado o segredo e a maneira com a qual os anjos fruem o Divino Poder e podem fazer grandes bens, os quais fazem com a grandeza do poder, da sabedoria, do amor, da justiça e da perfeição, através da virtude da obra que Deus pode e faz em Si mesmo, sem a qual bondade os anjos não poderiam fruir perfeitamente o Poder de Deus nem fazer o que fazem com o poder da bondade, etc.

E se o Poder em Deus fosse maior sem a Obra com a qual Ele Obra, seguir-se-ia que existiria nos anjos um poder maior pela potência do que pelo ato na bondade, na grandeza, na sabedoria, etc., e este poder seria mais semelhante ao Poder Divino na privação do ato do que com o próprio ato, e isso é impossível, pela qual impossibilidade está demonstrada a Obra do Poder de Deus.

IV. Da sabedoria

A sabedoria dos anjos não poderia fruir perfeitamente a Sabedoria de Deus se tivesse falta de bondade, de grandeza, de poder, etc., e tal falta seria sabida se a Sabedoria de Deus não tivesse em Si tão grande Obra da Bondade, do Amor, da Justiça, da Perfeição como pode Seu Poder. E se a Sabedoria em Si mesma obra entendendo a Si mesma, convém que o faça entendendo sua Bondade, sua Grandeza, seu Poder, etc. Porque se não o fizesse seria distinta em Essência com a Bondade, a Grandeza, o Poder, etc.

E se obra assim na Bondade, na Grandeza, no Poder, etc., como em Si mesma, convém obrar entendendo, obrando, bonificando, magnificando,

possificando⁴⁷, etc. Também convém que Sua obra seja igual em Si mesma, assim como a humanidade é igual nos homens quando humaniza a criação em espécie de homens iguais.

E se o entendimento do homem fosse igual em grandeza à sua natureza, ele faria o homem entender porque é homem. E se a Sabedoria de Deus não conhecesse em Si mesma a Grandeza da Bondade, do Poder, etc. — com a qual faz grandes bens, poderes, etc. em Si mesma — seria maior em nobreza e em perfeição não saber tais obras, e isso é inconveniente. Assim, por tal inconveniência, está demonstrado que a Sabedoria de Deus, ciente de Si mesma, obra igual obra ou obras em Si mesma.

Por essa obra e obras a sabedoria dos anjos tem maior virtude, poder, amor, etc., em saber maiores obras que menores. E se não existisse nenhuma obra ou obras na Sabedoria de Deus, a sabedoria dos anjos seria maior em bondade, em poder, etc., que a Sabedoria de Deus e isso é inconveniente. Esse é o princípio pelo qual se pode demonstrar a maneira que os anjos fruem a Divina Sabedoria e a influência que a Sabedoria de Deus influi em sua sabedoria.

V. Do amor

O Amor de Deus ama mais em Si mesmo sua Entidade, sua Bondade, sua Grandeza, seu Poder, etc. que nos anjos, que não fazem o amor, a bondade, a grandeza, o poder, etc., caso contrário existiria uma contrariedade entre Sua Grandeza e Sua Justiça, e a Grandeza seria conveniente com a injúria, porque o Amor de Deus amaria o bem específico na bondade dos anjos, isto é, a inteligência, que é bem, etc.

A este bem convém um nome e significados próprios através dos quais sejam entendidos e amados distintamente com a vontade, etc., que são bens. Também convém que na bondade de si mesma a inteligência ame o bem especificado na obra do amor e do bem, e o mesmo convém à grandeza, ao poder, etc., pois o Amor de Deus ama enormemente a grandeza dos anjos, e isso é um grande entendimento, grande em Justiça, em Poder, etc. E se o Amor de Deus não amasse o Ato da Bondade em sua Bondade, conviria, de acordo com a Justiça, não amar em Si mesmo o Ato da Vontade, porque se o fizesse, amaria mais o Ato da Vontade que o Ato da Bondade.

E se o Amor ama o Ato da Vontade para que ame o Ato da Bondade, convém que também ame o Ato da Bondade para amar o Ato da Vontade. Pois

⁴⁷ No original *possificant*, exercer a dignidade divina do poder e também o próprio ato do poder. Ver *GGL*, vol. IV, 1985, p. 203.

se não amasse dessa forma através da Bondade, do Poder, etc., não existiria Grandeza na Perfeição da Vontade, da Bondade, etc., e isso é impossível, por que não existe menoridade nas Dignidades para que o bem que o Amor ama na Bondade seja mais distante do mal, para que a Grandeza que o Amor ama seja mais distante da pequenez, etc.

Pois assim como o ente é gerado e tornado cúmplice⁴⁸, da mesma forma o Amor de Deus tem maior amor à Sua Bondade quando ama aquele Ato que é bem, o que não faria se desamasse em Sua Bondade o Ato que é bem. E se naquele bem o ente desamasse o nome especificado do bem, desamaria também a grandeza do conhecimento naquele Ato de Bondade, pelo qual desamor sua vontade estaria contrária à sua grandeza, e isso seria inconveniente na Bondade e nas outras Dignidades. Assim, está demonstrado a forma pela qual os anjos fruem o Amor de Deus com o Amor que têm na Bondade, na Grandeza, etc.

VI. Da justiça

Na grandeza da justiça dos anjos convém que seus atos de bondade, de grandeza, de poder, etc., sejam iguais, porque se não o fossem, a grandeza da justiça seria uma forma imperfeita, e não existiria nos anjos de maneira perfeita a justiça para eles fruírem a Justiça de Deus, que é igualmente grande em Bondade, em Grandeza, etc., que torna Deus único.

E por essa unidade e igualdade de Grandeza na Justiça da Bondade, etc., de Deus, convém que Sua Justiça especifique, distinga e concorde magnificando e justificando o Ato da Bondade, da Grandeza, do Poder e da Perfeição como faz com o Ato da Sabedoria e do Amor quando especifica e magnifica intensamente a distinção de entender e desejar. Assim, o entendimento humano entende a existência de diversas obras entre o Entendimento e o Desejo de Deus.

Deus entende tudo o que é bem e mal e ama o bem e desama o mal através de Sua Justiça. E se não fizesse isso, a Divina Justiça concordaria com a menoridade, e seria mais própria à injúria e distante da Grandeza de Si mesma, e isso é inconveniente, por que a Justiça é igualmente grande em todas as Dignidades, nos Atos dos quais convém existir tão grande Ato de Justiça, como é a Justiça, as Dignidades e seus Atos. Em Deus não existe diferença entre a Dignidade e Seu Ato, nem entre as Dignidades.

Tampouco existe em Deus distinção privada entre os Atos e suas relações, pois seria impossível que a Justiça Divina justificasse ser amante e amada, ciente

⁴⁸ Segundo Colom Mateu, a palavra *complicitat* lhe parece uma distração do copista medieval. O autor não sabe exatamente seu significado, sugerindo “cumplicidade”. Ver *GGL*, vol. I, 1982, p. 285.

e sábia, bonificante, bonificada, etc., e Ela privaria todas as Dignidades dos Atos na privação de seu Ato, e teria maior poder nas propriedades dos anjos que em Si mesma e na Bondade, na Grandeza, etc., estando dentro de Si mesma a injúria, e isso é impossível e contra a fruição e a alta contemplação que os anjos, de acordo com a Justiça, convém ter na Justiça de Deus.

VII. Da perfeição

Convém que a perfeição dos anjos frua a Perfeição de Deus com perfeição da bondade, da grandeza, etc., porque se a fruisse com imperfeição de bondade, de grandeza, etc., fruiria contra si mesma, e tal fruição estaria em contradição. E se os anjos amassem com injustiça a maior Perfeição em Deus sem o ato de perfeição que Deus lhes deu — amando a Perfeição e tendo o ato de dar perfeição de bondade, de grandeza, etc., em Deus — conviria à Sabedoria de Deus maior sapiência de Sua Perfeição sem Ato que com o Ato da Bondade, do Poder, etc., e isso estaria em contradição.

E se estamos afirmando que existe Ato na Perfeição da Bondade, da Grandeza, do Poder, da Justiça, perguntam: qual é esse Ato? Por qual Nome próprio esse Ato é especificado, entendido e amado pelos anjos e pelos homens? E se dizem que não cabe Ato na Perfeição da Bondade, da Grandeza, etc., por que existe Perfeição, respondemos e dizemos que não cabe que a Sabedoria entenda a Si mesma mais que isso, pois Ela já é sábia, nem cabe que o amor a ame mais, pois Ela já é suficientemente amada.

E quem nega que existe a perfeição, nega eternamente a infinidade da bondade, da grandeza, etc., e nega que a perfeição seja maior em grandeza, em bondade, etc.; nega também que a luminosidade seja maior iluminando que sem iluminar, e o fogo por aquecer que por potência, e afirma que a intenção final seja a potência e não o ato, e isso é contraditório.

Por isso, está demonstrado que negar a perfeição e a Perfeição de Deus é a mesma coisa, porque se não o fosse, haveria em Deus composição de Grandeza e menoridade, Perfeição e imperfeição e isso é impossível, e por essa impossibilidade está demonstrado como os anjos, com sua perfeição de bondade, de grandeza, etc., fruem e contemplam a Perfeição de Deus no Divino aperfeiçoamento da Bondade e do bonificar, etc.

De muitas maneiras poderíamos dizer e manifestar a alta fruição e contemplação que os anjos, com suas propriedades, têm das Dignidades de Deus. Mas porque nós, com a ajuda de Deus, traduzimos este pequeno livro do árabe, secreta e brevemente demos o entendimento para significar os princípios com os quais os anjos fruem e contemplam a Deus.

Da Quarta Parte, da locução dos anjos

Esta Parte é dividida em três: a primeira é da locução que cada anjo tem consigo, a segunda é da locução que os anjos têm uns com os outros e a terceira é da locução que os anjos têm com os homens. Logo, trataremos da Primeira Parte.

I. Da locução que os anjos têm consigo

Assim como o homem mentalmente usa as potências da alma em seus atos, lembrando com a memória, entendendo com o entendimento e amando com a vontade os objetos que apreende, da mesma forma os anjos falam consigo quando relembram, sentem e amam distintamente, tomando para si os objetos distintos por essência e por obras, seguindo a natureza que possuem de inteligência, de vontade e de conveniência em sua entidade, unidade e substância e em suas propriedades e condições. Porque assim como sensualmente o homem certifica outro homem o que lembra, ama e entende com suas palavras, da mesma forma os anjos intelectualmente falam consigo quando sua memória lembra o que o entendimento entende, a vontade ama e o entendimento entende por que a memória lembra e a vontade ama, e a vontade ama por que o entendimento entende e a memória lembra.

Os anjos benignos falam consigo e seguem a ordem de sua essência e a natureza de sua entidade e de sua virtude nas propriedades e condições, recebendo a influência das Dignidades Divinas. Por sua vez, os anjos malignos que falam consigo, fazem tudo ao contrário. Assim como no homem a natureza da potência sensitiva exalta a natureza da potência vegetativa, a natureza da potência racional exalta a natureza da potência sensitiva e esta exaltação se forma pela participação e comunicação das potências em ser uma suposição, um ente — que é o homem — da mesma forma os anjos, pela inteligência que têm em sua natureza, entendem e aprendem a si mesmos.

E o mesmo acontece com a vontade e a conveniência, que se comunicam consigo no ente que é o anjo, que, por sua própria natureza, entende, ama e concorda o que convém à justiça concordar com a memória, o entendimento e a vontade através da bondade, da grandeza, do poder, da sabedoria, do amor e da perfeição. E esta disposição ordenada é a locução dos anjos benignos. Quando essa disposição é desordenada significa a locução dos anjos malignos, que é desordenada por que sua memória, seu entendimento e sua vontade não seguem a natureza da essência nem as potências se ordenam para existir atos nas propriedades, pelo contrário, existem atos contra as propriedades e as Dignidades Divinas.

II. Da locução que os anjos têm com os outros

Esta Parte é dividida em três: a primeira trata das palavras que os anjos benignos têm com os outros; a segunda, das palavras que os anjos benignos têm com os anjos malignos; a terceira, das palavras que os anjos malignos têm com os outros. Logo, primeiramente diremos da primeira parte.

1. Das palavras que os anjos benignos têm com os outros

Provamos a existência dos anjos e sua essência (inteligência, vontade e conveniência), e também provamos suas propriedades, através das quais a essência e a natureza dos anjos formam as palavras que os anjos têm entre si. Pois enquanto os anjos entendem pela inteligência, amam pela vontade e ordenam-se pela conveniência do que amam e entendem, se comunicam por objeto a outros anjos para que sejam amados e entendidos através daqueles no amor que têm de Deus e de suas Obras, com Bondade, Grandeza, Poder, Sabedoria, etc.

Porque assim como o sol clarifica a luminosidade do fogo e a converte para seu resplendor, da mesma forma os anjos que estão mais próximos da Majestade Divina comunicam sua inteligência, vontade e conveniência em bondade, grandeza, etc. à vontade, inteligência e conveniência aos anjos que não estão tão próximos da Divina Majestade com a bondade, a grandeza, etc., clarificando-os com sua memória, entendimento, vontade e propriedades. Tal clarificação são as palavras angelicais⁴⁹ como são as palavras humanas aquelas com as quais uns homens entendem outros quando lembram, amam e entendem. Pois se através da palavra sensual o entendimento, que é potência intelectual, entende, quanto mais uma inteligência pode entender os anjos através de outra, pois sua natureza é simplesmente e absolutamente composta de inteligência.

E assim como alguns homens conhecem outros por diversas descrições em rostos e ao lembrando que existem diversas qualidades, da mesma forma alguns anjos conhecem outros através das graças distintas em maioridade de bondade, de grandeza, etc. Por isso, para manifestarem-se, uns têm palavras com outros, um anjo com outro, comunicando-se no que entendem, lembram e amam com a Bondade, a Grandeza, etc., de Deus.

Logo, assim como o amor se multiplica entre dois amantes quando cada um demonstra ao outro seu amor, da mesma forma o conhecimento dos anjos é

⁴⁹ *Clarificar* (do latim *clarificare*) = infundir claridade, deixar claro o que estava confuso. *GGL*, vol. I, 1982, p. 336. Em português o sentido torna-se ainda mais abrangente e de acordo com texto Iuliano: clarificar também tem o efeito de purificar, limpar e, no sentido metafórico, tornar mais intensa a ação da bondade de Deus.

maior quando cada um demonstra mais ao outro o que conhece de Deus, de si e de outro anjo.

2. Das palavras que os anjos benignos têm com os malignos

Quando o demônio se manifesta aos anjos mostrando que entende a Essência, as Dignidades e os Atos de Deus que são convenientes a ele, os anjos falam com o demônio e este manifesta aos anjos a natureza contrária de sua inteligência, vontade e conveniência, e usa de sua memória, entendimento e vontade contra a grandeza da bondade, do poder, etc. O demônio manifesta aos anjos sua grandeza que é contrária à Grandeza que Deus tem em Bondade, Poder, etc.

Logo, assim como o homem justo manifesta-se com palavras justas, demonstrando sua sabedoria e justiça ao homem injusto, que se demonstra injusto com palavras injuriosas ao homem justo, e cada um conhece o outro pela justiça e pela injúria, da mesma forma os anjos e o demônio se conhecem pelas obras que possuem em suas potências, de acordo com o que foi dito acima.

Quando os anjos entendem com o Entendimento de Deus que são atos de sua bondade — através do qual bonificam, magnificam e possificam⁵⁰ o que entendem e o mesmo de todos os Atos das Dignidades, sendo todos os Atos indistintos pois as Dignidades comuns são uma Essência, uma Propriedade — eles falam com o demônio, clarificando e manifestando o que entendem de Deus. Por sua vez, o demônio fala com os anjos mostrando que recebe aquelas palavras contra a grandeza, a bondade, etc.

Logo, assim como dois homens olham-se em dois espelhos, um à direita e outro à esquerda, opondo-se quando um diz que sua face é da qualidade mostrada no espelho à direita e o outro diz que, pelo contrário, sua face é da qualidade mostrada conforme a disposição do espelho à esquerda, da mesma forma os anjos e o demônio falam-se contrastando no que um mostrou ao outro nos atos de suas potências, conhecendo-se através de tais atos, girando-os sobre as propriedades, uns atos de acordo com sua regra e natureza, outros, contra sua regra e natureza.

3. Das palavras que os demônios têm com os outros

Assim como dois homens maus se falam para manifestar sua má vontade com a qual desejam fazer algum mal e ao mesmo tempo concordam em fazê-lo, da mesma forma os anjos malignos têm palavras intelectuais para fazer más

⁵⁰ *Possificar* = Exercer a Dignidade Divina do poder o seu próprio ato. GGL, vol. IV, 1985, p. 203.

obras, usando dos atos de suas potências contra a bondade, a grandeza, etc. Logo, como o demônio não é suficiente para fazer o mal, sua vontade se manifesta contrária àquilo que entende da bondade, da grandeza, etc., de tal forma que informa e imprime o conhecimento de sua vontade no entendimento de outro demônio, para que, ao mesmo tempo, eles sejam contrários a alguma grandeza de bondade, de poder, etc., particular.

Se algum demônio sabe que não poderá fazer o mal que o outro demônio propôs, ele manifesta ao outro seu entendimento para que perverta aquele objeto ou sujeito onde quer fazer o mal. E quando manifesta seu entendimento, também manifesta sua vontade e os atos de suas potências contra a bondade, a grandeza, etc., naquele objeto que pode causar dano. Pois assim como a potência é conhecida pelo ato, da mesma forma um demônio conhece a vontade e o entendimento do outro pela contrariedade que existe em algum objeto e sujeito contra a bondade, a grandeza, etc., e esta contrariedade forma-se nas palavras intelectuais.

III. Das palavras que os anjos têm com os homens

Esta Parte é dividida em quatro: a primeira, trata de como os anjos falam com os homens justos; a segunda, como eles falam com os homens injustos; a terceira, como os demônios falam com os homens justos; a quarta, como os anjos falam com os homens injustos. Logo, primeiramente diremos da primeira parte.

1. Das palavras que os anjos têm com os homens justos

Assim como o entendimento humano entende através de palavras sensuais, da mesma forma de acordo com a natureza da inteligência, que Deus influí a Grandeza de Sua Bondade, de Seu Poder, etc., convém que o entendimento entenda as coisas sensuais pela inteligência, porque se não o fizesse, seguir-se-ia que o entendimento teria maior proporção e participação com a natureza corporal do que com a natureza da inteligência que é seu princípio e sua própria natureza, e isso é impossível.

Por essa impossibilidade está provado que o entendimento dos anjos sem qualquer meio, mas com a Graça de Deus, entende e apreende as coisas sensuais e as palavras que os homens dizem, através das quais os homens falam aos anjos de acordo com o que entendem por suas palavras, comunicando-se com eles, participando da grandeza de sua bondade, poder, etc., com a grandeza da bondade, do poder, etc., dos homens. Pois assim como a imaginação e o entendimento do homem participam nas palavras sensuais, a imaginação imaginando e o entendimento entendendo, da mesma forma a bondade dos

anjos e a bondade do homem participa quando os anjos comunicam sua bondade, etc., à bondade, etc., do homem. Por tal comunicação falam-se a bondade dos anjos e do homem, etc., no entendimento de cada um, na vontade e na memória com a grandeza da bondade, do poder, etc.

E assim como as três potências da alma que se falam mentalmente em teoria, sem palavras sensuais, o homem dá origem às suas palavras mentais pela potência, hábito e ato, e no hábito está o segredo das palavras que os homens têm secretamente com os anjos por que não conhecem suas palavras senão nos atos das potências. Os quais conhece, segundo o que convém ao homem na bondade, na grandeza, etc., a alguma obra e fim particular.

Por isso os anjos falam com o homem para que possa concertá-lo para aquele fim e que o homem pelo ato da potência na bondade, na grandeza, etc., revele as palavras que têm na potência e no hábito de tal maneira que lhe ajudem com os anjos, para multiplicar a grandeza de sua bondade, poder, etc., e para que melhor possa receber a influência da Bondade, da Grandeza, etc., de Deus. Assim como umas palavras sensuais falam com outras palavras sensuais, da mesma forma as palavras mentais da alma falam com as dos anjos.

Assim como o homem que não poderia falar com outro homem sem audição ou sem signos, da mesma forma os anjos e a alma não poderiam falar sem que o anjo se aproximasse muito fortemente da alma. Pois a alma é impedida de entender as palavras dos anjos por que o corpo, que é corrompível, é um instrumento corrompido, que convém ter a alma os atos de suas potências.

Assim como os olhos corporais não podem ver quando não têm espaço com ar, da mesma forma o entendimento humano não pode entender as palavras dos anjos, pela grande proximidade em que estão sua inteligência e sua bondade, sua grandeza, etc., por isso o homem não sabe distinguir suas palavras das palavras dos anjos, e se pudesse distingui-la, seria por aquela distinção corrompida pelo livre arbítrio do homem, na qual corrupção estaria corrompida a grandeza da justiça nos anjos e no homem contra Grandeza da Bondade, do Poder, etc. (de Deus).

Muitas vezes acontece que dos anjos falarem com os homens em sonhos ou através de palavras sensuais, tomando os anjos no ar a forma de homem, e isso, os anjos fazem para revelar algumas coisas ou para que os homens possam distinguir suas palavras das palavras dos anjos, e que naqueles homens sejam multiplicadas em grandeza, fé, esperança, caridade, justiça, prudência, fortaleza e temperança.

2. Das palavras que os anjos têm com os homens injustos

Os anjos amam a intenção final para a qual o homem foi criado, e por isso assim como o espelho em si mesmo representa as figuras da face aos olhos corporais, da mesma forma a vontade dos anjos representa com sua inteligência as obras contrárias que os homens pecadores fazem contra a intenção final para a qual foram criados. Assim os anjos desamam os atos das potências do homem que se revoltam contra as sete virtudes que são a fé, a esperança, etc., e contra as sete propriedades dos anjos, e tais atos concordam com os sete pecados mortais.

Logo, assim como o mestre que faz o navio⁵¹ formando a madeira de acordo com a qualidade que convém a forma do navio, da mesma forma intelectualmente, salvando contudo o livre arbítrio no homem, os anjos formam lembranças, cogitações, temores, desejos ao entendimento humano de tal maneira que a vontade do homem ame com virtudes e tenha em ódio os vícios e os pecados.

E quando o homem não deseja apreender aqueles objetos que os anjos lhe representam, pelo contrário contrasta-os, e aos anjos contrastam os atos das potências dos homens, então surgem palavras mentais contrastantes entre os anjos e o homem, da mesma forma que existem sensualmente entre um homem bom e outro mal, desejando o homem bom corrigir o homem mal. Os atos das potências dos homens são mais próprios às potências que à inteligência dos anjos, por que o homem entende muito mais vezes em suas considerações e na teoria de suas potências, que os anjos, e naquela maior quantidade está o segredo dos atos das potências que os anjos não pode entender. Por isso os anjos se esforçam com a grandeza de sua bondade, seu poder, etc., contra a grandeza de sua bondade e maldade que o homem tem contra a bondade e o poder, a sabedoria, o amor, a justiça e a perfeição. Por esse contraste muitas vezes os segredos são manifestados aos anjos para que corrijam os homens pecadores através de suas obras.

3. Das palavras que os demônios têm com os homens justos

Assim como os anjos e o homem justo falam-se com a bondade, a justiça, a sabedoria, o amor, a perfeição e a caridade, da mesma forma o demônio e o homem justo falam-se pelo contrário, o demônio com a malícia e o homem com bondade, da memória, do entendimento e da vontade. Logo, assim como o vento se forma no ar e nas orelhas onde a potência auditiva tem seu ato, da mesma forma, pelo contraste do demônio e do homem justo a respeito da intenção final para a qual o homem foi criado, da qual o demônio deseja desviar

⁵¹ No original, nau, antigo navio redondo.

o homem, formam-se as palavras com as quais o homem apreende a inteligência do demônio contra a vontade, que inconveniente com a inteligência.

Assim como se contrastam o entendimento do homem que entende a verdade e a vontade quando desama, e porque o demônio sente paixão no contraste da inteligência e da vontade sobre os atos das potências da alma do homem justo, por isso apreende aquelas palavras do homem, pelas quais entende os objetos sobre os quais se revoltam as palavras, e entende as virtudes que o homem tem contra os vícios que o demônio deseja naquele homem.

O demônio tenta o homem de muitas maneiras para que possa entender seus pensamentos pelas coisas sensuais ou intelectuais. Ele faz tais tentações aos poderes da alma, às vezes por um vício, às vezes por outro, de acordo com o vício que melhor pode convir os atos das potências do homem com sua vontade, a inteligência apreende as palavras do homem, o qual não entende especificadamente as palavras do demônio por serem tão obscuras e secretas por causa da grande proximidade da inteligência do demônio e do entendimento. Por isso, o homem ignora aquelas palavras, e também pela confusa contrariedade muito próxima que existe entre a vontade do demônio e a vontade do homem.

Logo, o homem justo muitas vezes se defende com uma virtude em outra, para que melhor possa contrastar o demônio e por esta arte e doutrina pode o homem conhecer as palavras do demônio e os objetos ao qual o aconselha, amando ou odiando e considerando que nos atos de suas potências é feito algum contraste que com vícios convém contra as virtudes.

4. Das palavras que os demônios têm com os homens injustos

Através da inteligência o demônio apreende em sua vontade a conveniência que existe entre sua vontade e a vontade do homem injusto. Por isso suas palavras concordam com o homem injusto contra a grandeza da bondade, do poder etc., as quais o homem entende serem especificadas com as palavras de seu pensamento nos atos das potências. Mas porque o demônio é mais sutil que o homem, entende especificamente suas palavras intelectivas e mentais e mais, as palavras sensuais do homem. através dessa simplicidade e a natureza de sua inteligência, que é uma propriedade muito perceptiva, o demônio pode entender mas que o homem, e assim desvia-lo das boas obras, salvando contudo a existência do livre arbítrio no homem.

E quanto mais fala com ele, mais lhe cega o entendimento, removendo com suas palavras específicas a bondade, a grandeza, o poder, etc., e representando-lhe um objeto abstrato da bondade, etc., nos atos de suas potências e especificando-lhe objetos contra a grandeza da bondade, do poder, etc.

Como a bondade, a grandeza, etc., perdem suas formas no demônio, ele fala com o homem pecador contra a grandeza, a bondade, etc., e porque o homem pecador é desviado da intenção para a qual foi criado nos atos de seus poderes, ele fala com o demônio contra a grandeza da bondade, do poder, etc., como faz o som do sino quebrado contra o som que faz o sino inteiro. Logo, assim como o som do sino quebrado significa a imperfeição do sino, da mesma forma a palavra do demônio e do homem pecador significa que o contrário da grandeza de bondade, de poder, etc.

Muitas são as maneiras segundo as quais os anjos têm suas palavras, mas nós brevemente tratamos dos princípios pelos quais pode ser dada doutrina para conhecer as palavras dos anjos e a maneira segundo a qual falam.

Da Quinta Parte, que é da glória⁵² dos anjos

Esta Parte é dividida em duas: a primeira é da glória que os anjos conhecem e amam em Deus. A segunda é da glória que os anjos têm em si mesmos. E como a primeira parte concorda com maior grandeza de bondade, de poder, etc., convém atribuir à primeira parte a primeira intenção da glória, e à segunda parte, a segunda intenção da glória.

E como a glória dos anjos está presente nos atos de suas potências — e por aqueles atos entra em sua entidade de acordo com a proposição de sua essência, ser substância, virtude, matéria e forma, propriedades e condições — propomos tratar da glória dos anjos através dos atos de suas potências e através de duas intenções, seguindo a regra dos princípios ditos acima. Assim, primeiramente trataremos da primeira parte.

I. Da glória que os anjos conhecem e amam em Deus

Deus é sua própria Essência, e em Deus a Bondade é Essência, a Grandeza é Essência e todas as Dignidades de Deus são Essência. Contudo, existe somente uma Essência em Deus, porque a Bondade, a Grandeza, etc. são uma Essência, uma mesma coisa, um mesmo Deus. Logo, convém que os anjos busquem com tão grande grandeza de bondade, de poder, de sabedoria, de amor, de justiça e de perfeição, amar e conhecer a Glória de Deus, que na Essência, na Bondade, etc. de Deus, conhecem e amam a virtude e a propriedade especificada, através da qual buscam lembrar, amar e conhecer a glória da essência, da grandeza, etc. Os anjos não poderiam fruir tal glória sem a virtude e a propriedade específica daquela glória, existindo uma distinção na especificação, sem distinção na essência da bondade, da grandeza, etc. da glória.

Se os anjos entendessem a Glória existente na Essência de Deus sem especificar o Ente glorioso no bem da Bondade, em grande Grandeza, etc. — não distinguindo da Essência nem da Glória, nem da Bondade, etc. — o entendimento dos anjos seria imperfeito na grandeza da bondade, do poder, etc. E tal imperfeição tornaria seu desejo imperfeito na grandeza da bondade, do poder, etc. O mesmo seguir-se-ia em sua lembrança, e todos os seus três atos seriam desviados da natureza da inteligência, da vontade e da conveniência, do ente e da substância, da virtude, da forma e da matéria, das potências, das

⁵² A *Glória* é a recompensa que Deus dá aos seres criados, acolhendo-os em Sua fruição, com este significado Santo Tomás diz que a glória é “a perfeita fruição de Deus” (S. Th., III, q. 53, a. 3). Ver ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, *op. cit.*, p. 485.

propriedades e das condições, e seriam destruídos todos os seus princípios, sendo desviados da primeira intenção para a qual foram criados.

De acordo com o que está significado acima, convém considerar os atos de duas maneiras: um existe de acordo com a forma, outro segundo a operação. E como convém afirmar que a Glória é a maior Dignidade que os anjos podem entender e amar em Deus — de acordo com a grandeza da justiça, na bondade do poder, etc. — convém afirmar e considerar que na Glória de Deus os anjos entendem e amam os dois atos ditos acima, porque se não o fizessem, a inteligência, a vontade e a conveniência poderiam informar nos atos das potências a maior grandeza da bondade, do poder, etc., na Virtude da Glória que se renova continuamente⁵³ em Deus do que a Virtude do Ato que existe na Grandeza da Bondade, do Poder, etc., de Deus, e isso é impossível.

Por tal impossibilidade está demonstrado que na Glória de Deus os anjos conhecem e amam dois atos, distintos em Essência. Porque assim como a luminosidade atua iluminando o ato para que sua virtude não esteja ociosa nem contrária à grandeza desse mesmo ato, da mesma forma e muito melhor, a Glória de Deus existe em Ato, porque existe e glorifica gloriosamente a Si mesma em Sua própria Essência, com a Grandeza de Sua Bondade, de Seu Poder, etc.

Por isso, o Ato da Glória formal e operativo existe com uma imensa grandeza de bondade, de poder, etc., e de essência, glória, virtude. Este Ato pode cumprir e fazer conter⁵⁴ nos anjos os três poderes das potências em tão grande grandeza de glória que não cabe totalmente aí, e nem nossa consideração é bastante para considerar quão grande glória é a glorificação da gloriosa glória, de sua essência existente e da boa bondade, etc., eterna e infinitamente sem distinção de essência. Tal glorificação é feita com a grandeza do poder da glória e do glorioso, da essência e do ser, da bondade e do bom, etc., sem distinção de poder na essência, na glória, no bem, etc.

II. Da glória que os anjos têm consigo

Pela Grandeza da Justiça de Deus convém que os anjos, amando e conhecendo a Deus, tenham glória em si mesmos, recebendo a glória através dos atos das potências, na virtude da substância, pela matéria, pela forma e pelos entes até à inteligência, vontade, conveniência, etc., completando suas propriedades e condições, tudo isso em um instante, sem diversidade de tempo. Porque assim como as plantas vêm a virtude do sol e do ar pelos ramos e raízes, pois sem o sol e o ar as raízes não poderiam frutificar no tronco e nos ramos, da

⁵³ No original *actualitativa*, isto é, a capacidade de sempre se tornar atual. Ver *GGL*, vol. I, 1982, p. 32.

⁵⁴ No original *enreebrigar*, palavra de significado desconhecido – mesmo sua etimologia é desconhecida, pode ser uma formação vulgar estranha oriunda de *in-re-apricare*. Ver *GGL*, vol. II, 1983, p. 280.

mesma forma a glória não poderia entrar nem vir para a natureza e a virtude dos anjos sem iniciar na memória, no entendimento e na vontade.

Logo, está manifestado, como a glória dos anjos forma-se pela glória que conhecem, amam e lembram em Deus. Por isso, sua glória existe pela segunda intenção e descendo da primeira. E como a glória que os anjos têm e sentem existe para que a primeira glória seja conhecida e amada, isso é, a Glória que Deus tem em Si mesmo, dura sem fim sua Glória através da primeira glória de acordo com a grandeza da justiça.

Se os anjos fossem criados principalmente para ter glória em si mesmos e não para conhecer e amar a Glória de Deus, seus méritos não bastariam para ter glória perdurável, pois seus méritos são limitados e finitos na grandeza da bondade, do poder, etc. Mas como foram criados para conhecer e amar a Glória de Deus que existe sem fim, eles não cessam de amar e conhecer aquela Glória. Por isso, a Justiça de Deus, que os criou para que fruissem Sua Glória os faz ter glória por todos os tempos.

A grandeza da glória dos anjos está na memória, no entendimento, na vontade e em tudo que pertence à entidade dos anjos. Pois a memória lembra na entidade dos anjos que por todos os tempos lembrará a glória; e lembra nos anjos, do qual é potência, que o entendimento entenderá a glória por todos os tempos; e a memória lembrará que nos anjos a vontade terá toda aquela glória que desejou ter por todos os tempos. Por isso, a memória tem uma glória tão grande que não se pode contar nem escrever, pois relembra e lembrará da glória em si mesma, no entendimento e na vontade, sem nenhuma interrupção e sem fim.

O entendimento dos anjos entende a glória que existe com a grandeza da bondade, do poder, etc., em tudo que pertence à natureza da glória e em toda a natureza de si mesma, da memória, da vontade e de tudo que pertence à entidade do anjos. E como esta glória entende que todos os tempos entenderá sem nenhuma interrupção, da mesma forma entende que tão grande glória entende, tem entendido e entenderá que o entendimento do homem nesta vida não a pode entender totalmente. Logo, quem poderia dizer a grande glória que os anjos apreendem e entendem em si mesmos?

E se a glória que os anjos entendem de si mesmos possui alguma falta⁵⁵ em seu entender, quanto mais existe falta para entender a glória que os anjos entendem em Deus, que entendem maior glória que em si mesmos! E Deus não entenderia tão grande glória como em Si mesmo se entendesse que não tem

⁵⁵ No sentido de fraqueza, imperfeição (N. dos T.).

entendimento, não entende e não entenderá em si mesmo a glória infinita, eterna, na grandeza da bondade, do poder, etc.

A vontade dos anjos deseja a glória que tem e que possui, e a deseja sem nenhuma interrupção, isto é, perduravelmente. E como deseja que o entendimento entenda como eles têm glória por todos os tempos, e como o entendimento entende tudo o que a vontade ama da glória, por isso, a vontade tem tanta glória, pois assim como o raio de sol é mais resplandecente e não cessa de luzir, da mesma forma e muito melhor a glória não cessa na vontade, nem sua natureza e seu ato existem sem glória, e houve, há e haverá toda a glória que deseja ter em si mesma e em tudo o que a entidade e a natureza dos anjos contêm. Logo, quem poderia recontar a glória dos anjos?

Ao lembrar, entender e amar sua própria glória, os anjos não têm tanta grandeza quanto têm ao lembrar, entender e amar a Glória de Deus, sua própria glória e a glória de todos os anjos e santos do paraíso. E mais: ao lembrar, entender e amar a glória que os anjos têm na grande Justiça de Deus, esta pune por todos os tempos todos os demônios e todos os homens infernais, com a Grandeza da Bondade, do Poder, etc. E como convém existir nos anjos esta glória de acordo com a grandeza da justiça, da bondade, etc. de Deus, e segundo convém a grandeza da glória com a grandeza da justiça, da bondade, etc., dos anjos, logo, não convém nenhuma falta para contar toda a glória que aos anjos convém, glória que Deus nos entrega por Sua misericórdia.

O entendimento dos anjos não cessa de entender a Glória de Deus e de si mesma, porque se cessasse tal entendimento, cessaria sua glória da mesma forma como cessaria em Deus a Natureza Divina se cessasse seu Entendimento na Grandeza de bonificar, magnificar e glorificar, etc. E como é impossível que cesse em Deus o Ato de Sua Natureza Divina, e que o entendimento dos anjos possa ter glória cessando seu entendimento de entender, é revelado secretamente neste livro o que a Glória de Deus não gostaria de especificar, porque seria colocada em questão qual das três leis conviria melhor a este pequeno livro, de acordo com a Glória de Deus, dos anjos e a pena dos demônios.

Da Sexta Parte, que é da pena dos demônios

Esta Parte está dividida em duas: a primeira é da pena que os demônios têm pela primeira intenção; a outra é da pena que têm pela segunda intenção. Logo, primeiramente falaremos da primeira parte.

I. Da pena que os demônios têm pela primeira intenção

Como a Grandeza existe na Bondade, no Poder, etc. de Deus, criou os anjos para que fosse conhecida e amada, mas estes, por seus atos, tornaram-se demônios, e por sua culpa surgiram maus espíritos porque incontinenti sua criação amaram a si mesmos pela primeira intenção e amaram a Glória de Deus pela segunda. E como eles amaram a si mesmos pela primeira intenção e amaram a Glória de Deus pela segunda, a qual foram criados para que a conhecessem e amassem pela primeira intenção a Glória de Deus, tiveram culpa e foram desviados da intenção para a qual foram criados.

Logo, por amor a isso, a Justiça de Deus os puniu a serem demônios por todos os tempos. Pois assim como a pêra cai por sua podridão e por sua natureza, da mesma forma os anjos malignos foram expulsos e desviados por todos os tempos da intenção para a qual foram criados pela grande simplicidade de sua essência e natureza.

O entendimento do demônio entende Deus na Grandeza da Bondade, do Poder, etc. E sua vontade não ama aquela Grandeza porque o entendimento, a memória e toda a entidade e a natureza do demônio que é potência se sentem aprisionados e mortificados. E como a vontade não segue o uso para a qual foi criada, está invertida e desama o que o entendimento entende em Deus e em Suas obras. Por sua vez, a memória, o entendimento e a vontade não podem seguir nenhuma regra ordenada em si mesmas.

Por isso, todas as três potências têm atos contrários às suas naturezas, umas contra as outras, e por essas contrariedades, a inteligência e a vontade não são convenientes e o ente é substância e sujeito com uma virtude corrompida, onde existe uma forma imperfeita e uma matéria sujeitas às potências e aos atos corrompidos. Por isso, existe enorme grandeza de malícia no ato de cada potência, contra a grande e imensa grandeza da bondade, do poder, etc. Logo, quem poderia cogitar a pena que os demônios têm pela primeira intenção? Porque assim como sua promessa foi a grande grandeza da glória, da mesma forma é grande a pena que sustentam.

Como os demônios foram criados anjos para conhecer e amar a Deus por todos os tempos, convém que sua pena dure eternamente, porque se houvesse fim, seguir-se-ia que sua culpa poderia concordar com a Grandeza que Deus tem na Justiça, com a menoridade da Bondade, do Poder, etc., e isso é inconveniente. Assim, está demonstrado como os demônios são obstinados em sua malícia por todos os tempos, suportando a paixão em sua primeira intenção, e tal paixão não pode ser cogitada, porque a vontade dos demônios deseja ser semelhante em glória à Glória divina, da mesma forma como desejou nos tempos que pecou primeiramente, e o entendimento entende que a vontade quis ter glória por todos os tempos e nunca a teve, e entende que se a vontade amava mais a Glória de Deus do que aquela que desejava para si mesma, ela, a memória e toda a entidade dos anjos teriam glória.

O que o entendimento entende da vontade, a vontade desama na pena, e o entendimento entende aquela pena porque entende, porque a vontade ama o que não pode ter e porque desama o que o entendimento entende. Por isso, existe tal pena espiritual na memória. Logo, quem poderia imaginar a pena que os demônios suportam, entender a glória que perderam e a qual nossa vontade deseja que nosso entendimento não entenda? Quem poderia entender a pena que existe neles, o que a vontade deles deseja e desama, a Memória deles lembra e entende que sua vontade todos os tempos desejou o que não teve e desama o que têm por todos os tempos?

É tão grande a pena dita acima que não podemos dizer nem escrever, e nosso entendimento não é o bastante para entender, nem nossa memória é suficiente para lembrar. Logo, Deus, por Sua misericórdia, guarda-nos de Sua pena e de Sua companhia.

II. Da pena que os demônios têm de sustentar pela segunda intenção

Assim como o ferro sai queimando da forma totalmente branco e em brasa, aquecendo o ar e tudo o que toca, da mesma forma, e muito mais fortemente, existe pena e malícia nos demônios, que são objetos dos atos de suas potências. Pois assim como o fogo, a água, o ar e a terra contrastam-se por corrupção nos corpos do homem doente ou morto, da mesma forma, e muito mais, contrastam-se a memória, o entendimento e a vontade no demônio, e em tal contraste existe paixão em toda aquela entidade, que supõe tudo o que sua memória lembra, seu entendimento entende e sua vontade odeia. Logo, como sua memória lembra, seu entendimento entende e sua vontade desama tantos objetos, quem pode considerar esta pena? E quem pode considerar o tempo sem fim que convém àquela pena durar incessantemente?

A pena espiritual é amar o mal em seu inimigo e saber existir naquele um grande bem, e também querer multiplicar o mal onde está multiplicado o bem. Os demônios têm esta pena, porque desamam todo o bem nos anjos benignos e nos homens justos. Por isso, têm pena, porque os desamam no bem e os amam no mal. Tal pena existe pela segunda intenção pois eles foram criados para que pela segunda intenção amassem-nos e pela primeira intenção amassem a Deus.

Os demônios têm pena pelo mal que os homens pecadores cometem, pois desejariam que tal mal fosse maior. E como o entendimento entende que quanto maior mal faz o demônio, mais cresce sua pena pela Justiça. Por isso, pela pena, sua vontade deseja fazer o mal, têm pena pelo mal não ser maior, porque seu entendimento entende o mal e porque não entende uma mal maior. Logo, como isso é uma pena tão grande, falta contar o trabalho que os demônios sustentam e que são contrários à Justiça de Deus.

Pela Graça e pela Benção de Deus, acabamos este pequeno livro DOS ANJOS, o qual tratamos brevemente para que entendas muito fortemente e compile os livros pelos quais possamos conhecer e amar nosso Senhor Deus.